

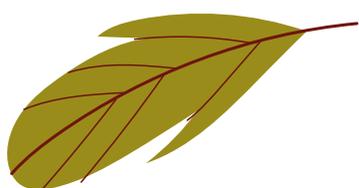


A UMBANDA

QUE A GENTE TOCA LÁ EM CASA

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

AS RAÍZES DA UMBANDA QUE
A GENTE TOCA AQUI EM CASA



casade
mãeiemanjá
TEMPLO DE UMBANDA





A UMBANDA E SEU ESPAÇO RELIGIOSO



Religião, não é uma ciência exata. Na religião não há verdades absolutas e sim várias interpretações, com posicionamentos diferentes, e todos eles precisam ser respeitados. O posicionamento particular com direito a religião é um direito inalienável.

Muito se tem falado sobre a diversidade de liturgias da Umbanda, que compreende múltiplas correntes de pensamentos. E não podemos dizer quem está certo ou errado, pois todos de algum modo estão certos.

A Umbanda seja ela: tradicional, esotérica, carismática, cruzada, sagrada ou omoloko, etc. são simplesmente Umbanda com liturgias diferentes. A essência da espiritualidade pode estar travestida de diversas maneiras, o importante para o plano astral é: que se consiga atingir os objetivos de determinada comunidade. É também, quando surgirem as oportunidades, pouco a pouco e com clareza e flexibilidade descortinar os véus da Senhora da Luz Velada, permitindo por meio de esforço, amor e dedicação, a percepção do sagrado dentro e fora de nós, possa ser desenvolvido para que nos tornemos médiuns mais conscientes.

(Novo Manual do Médium de Umbanda – Diamantino Trindade)

Para entender a Umbanda, assim como qualquer outra fé, é preciso voltar-se as suas origens, então, vamos iniciar essa jornada entendendo o que é uma matriz afro-brasileira: de acordo com Souza (2008), o termo afro-brasileiro é usado para indicar produtos da nossa mestiçagem, cujas matrizes principais são as lusitanas, as africanas, com alguns elementos indígenas, sem perder de vista que tais manifestações ou produtos são acima de tudo, brasileiros. Para essa autora, além da herança dos traços físicos, seja talvez na música e na religiosidade que a presença africana esteja mais evidenciada entre nós.

Graças aos avanços tecnológicos cada vez mais a nossa fé é posta à prova.

A internet é terra de ninguém e ao mesmo tempo reinado da razão. São tantas verdades sendo confrontadas por umbandistas de diferentes escolas que fica impossível determinar, pelo menos para um umbandista no início de sua caminhada religiosa, qual o terreiro que está praticando um fundamento correto ou não.

A religião, que tem como lei fundamental a prática do amor e da caridade, tem se perdido na arrogância da razão absoluta, pois na ânsia de defender aquilo que preencheu o seu coração, muitos Umbandistas esquecem de amar, para então criticar o que não compreendem.

Se a fé é sobrenatural, por sua própria formação ela será incompreensível para a razão humana, sendo assim, só seremos capazes de determinar a verdadeira essência da Umbanda após nosso desencarne, e ainda assim, precisaremos ter o evolutivo necessário para tal conhecimento.

O segredo, que hoje pode parecer banal ou até inocente, antigamente foi o que

manteve tantas casas de Umbanda e Candomblé abertas e em ascensão. Existe uma grande diferença entre o segredo que alimenta a fé e não proporcionar ao filho a oportunidade de compreender sua prática.

Nossa mente não é capaz de esquecer por completo qualquer conhecimento adquirido e no momento em que uma determinada verdade coloca a sua prática em dúvida, esse sentimento irá te acompanhar em todo o seu desenvolvimento mediúnico.

A religião não é uma ciência exata, a ideia de que existe apenas um conceito correto sobre a prática da Umbanda é extremamente arrogante, afinal, nem mesmo o advento desta religião foi único, pelo contrário, até hoje não se pode determinar a data, seu fundador e prática realizada no primeiro terreiro de Umbanda.

Uma fé que nasce para nos proporcionar a ideia de respeito à diversidade jamais seria monocromática, ou seja, preto no branco, ela sempre carregará as cores de uma sociedade plural e por isso, a você médium em desenvolvimento eu quanto mãe aconselho: durante o início de sua vida religiosa, no qual você terá muitas dúvidas e curiosidades, se foque na vivência dentro do seu terreiro, compreenda e aprenda com as palavras dos guias que conduzem a espiritualidade da sua casa, e, mais do que isso, entenda que a Umbanda não é uma religião estática, mas sim, uma fé em evolução e toda evolução traz mudanças, crescimento e portanto, não comporta a ideia de verdades absolutas.

O segredo revelado através das redes sociais pode não pertencer a você, por isso, cuidado para não tomar para si algo que irá impedir o seu evolutivo.





A Umbanda que a gente toca aqui em casa é rica de fundamentos, histórias e claro, das palavras trazidas pela espiritualidade, acredito, quando sacerdotisa que a pratica, que uma vida seja insuficiente para compreendermos tudo o que nos é trazido através espiritualidade regente da Casa de Mãe Iemanjá. Se você e os teus escolheram esse chão, aprofunde-se naquilo que é praticado aqui, para depois conhecer as verdades nos cercam, com respeito e com a sua fé firmada, evitando assim, a ansiedade ou o preconceito.

Sobre a Umbanda e sua característica social e religiosa, podemos concluir que, segundo Oritz (2011), que um dos fatores determinantes sobre a Umbanda é a compreensão da oposição entre valores culturais, resultando na sua complexidade quando as convicções de classe social e como elas se apresentam. Em outras palavras, onde há Umbanda, não cabe o preconceito.



APRENDENDO COM AS PALAVRAS DO PATRONO DA CASA MARTIM PESCADOR

FILHA, PARA QUE HAJA FÉ, É PRECISO QUE EXISTA MISTÉRIO.

VOÇÊS AINDA SÃO PEQUENOS, NÃO TEM CABEÇA PARA ENTENDER TUDO. O UNIVERSO É GRANDE DEMAIS, TEM MUITO LUGAR PARA O CONHECIMENTO SE ESPALHAR. E VOÇÊS, VOÇÊS SÃO MENOR QUE A SEMENTE E SE ACHAM GRANDES COMO REIS, QUERENDO CONHECER TUDO, SEM ESTAR PREPARADO NEM PARA CONHECER A HISTÓRIA DA PRÓPRIA EXISTÊNCIA.

CRER JAMAIS SERÁ O MESMO QUE ENTENDER. SÃO VERDADES DIFERENTES E QUE NEM SEMPRE ANDARÃO DE MÃOS DADAS. E AÍ É QUE SE ENCONTRA O VERDADEIRO DESAFIO DA FÉ, A VERDADEIRA EVOLUÇÃO. PENSE MENINA, COMO PODEMOS EVOLUIR COM AQUILO QUE JÁ CONHECEMOS E VIVEMOS? É PRECISO FÉ PARA DEIXAR O CAMPO SEGURO DAS NOSSAS VERDADES E ENTÃO ABRAÇAR O DESCONHECIDO.

O MUNDO JÁ ESTAVA CHEIO DE RELIGIÕES, E, CADA UMA DELAS ERA BOA PARA QUEM REALMENTE ENTREGAVA SEU CORAÇÃO A FÉ, ENTÃO POR QUE SURTIU A UMBANDA? NÃO FOI SÓ PELOS ESPÍRITOS NÃO! A GENTE TEM MUITA FORMA DE EVOLUIR. A UMBANDA NASCEU NESTA TERRA CHAMADA BRASIL PORQUE A MALDADE JÁ TINHA TOMADO CONTA DE MUITOS CORAÇÕES, AS PESSOAS DESSA TERRA DESAPRENDERAM O PERDÃO E O AMOR.

SABE FILHA, NO TEMPO EM QUE BAIANO ERA VIVO, ESSE BAIANO VIU MUITA GENTE MORRENDO POR NADA, MORRENDO COM ÓDIO NO CORAÇÃO E OS ESPÍRITOS CONTINUAM VINGATIVOS E A MALDADE SÓ FOI AUMENTANDO. SEJA DE GENTE VIVA OU MORTA O CORAÇÃO DOS HOMENS ESTAVA SE PERDENDO NA DOR.

ENTÃO A UMBANDA NASCEU E ELA ESTÁ TENTANDO MOSTRAR QUE O AMOR É SEMPRE A MELHOR A ESCOLHA, QUE UM CORAÇÃO CHEIO DE MÁGOAS NÃO AJUDA A COMPLETAR A MISSÃO DA ENCARNAÇÃO DE NINGUÉM. MAS ALÉM DISSO TEM MUITO MOTIVO PARA A UMBANDA NASCER E NEM BAIANO SABE TODOS, PORQUE TODO DIA BAIANO APRENDE UMA COISA NOVA, TANTO COM OS ESPÍRITOS COMO COM VOÇÊS, ENCARNADOS.

● PENSE MINHA FILHA, SE EU QUE SOU BAIANO, SOU PARTE DAS FALANGES DESSA FÉ NÃO SEI
● DE TODA A VERDADE DA UMBANDA, COMO VOCÊS, CRIANÇAS NO CAMINHO ESPIRITUAL
● QUEREM COMPREENDER O SAGRADO POR COMPLETO?

● A FÉ MINHA FILHA, FOI FEITA PARA SER VIVIDA E SENTIDA, NÃO PARA SER EXPLICADA. VOCÊS
● PASSAM TANTO TEMPO TENTANDO DEFINIR A UMBANDA QUE SE ESQUECEM QUE ELA JÁ TEM
● UMA DEFINIÇÃO: AMOR E CARIDADE.

● SE VOCÊ RECEBE BAIANO E O OUTRO SÓ TRABALHA COM EXU, QUAL É A DIFERENÇA? SE OS
● DOIS PRATICAREM O AMOR E A CARIDADE, NÃO TEM DIFERENÇA NENHUMA PARA ESPÍRITUA-
● LIDADE O CAMINHO USADO PARA QUE A MENSAGEM SEJA ENTREGUE.



Falar de Umbanda sem falar de Orixá é impossível, mas é preciso compreender que os Orixás são uma herança cultural e religiosa de um período vergonhoso para o Brasil: a escravidão.

Sendo assim, nesse ponto em especial, a necessidade de embranquecer as raízes da Umbanda caminha lado a lado com a esperança de apagar os milhões de negros mortos durante os anos de colonização em terras tupiniquins.

Por se tratar de uma ação humana e até política, como os demais pontos doutrinários dessa religião tão plural, haverá diversas versões de uma mesma verdade e por consequência, nenhuma certeza.

A partir de 1941 coube as federações de Umbanda, que eram cada vez mais presentes dentro da religião e frequentemente dirigidas por homens pertencentes às classes médias com fortes ligações políticas, a tentativa de legitimar, moralizar e purificar as práticas umbandistas. Agregando ao culto valores de "boa apresentação" e "limpeza".

Como consequência dessa busca pela homogenia, ainda hoje, muitos se perguntam sobre a Umbanda e seus guias espirituais. Outros tantos determinam quais as linhas de trabalho nela praticada, sacerdotes caem num embate de ideias para definir quais são suas sete linhas de Umbanda, quais os reinos que dela fazem parte, quais os Orixás que nela trabalham, que dia da semana eles devem ser cultuados e tantos outros limites que no final tornam-se verdades sobrepostas restando apenas uma grande confusão.



Foi este o programa elaborado pela Comissão Organizadora do 1.º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda:

a) HISTÓRIA: *Investigação histórica em torno das práticas espirituais de Umbanda através da antiga civilização, da da idade média até aos nossos dias, de modo a demonstrar à evidência a sua profunda raiz histórica.*

b) FILOSOFIA: *Coordenação dos princípios filosóficos em que se apoia o Espiritismo de Umbanda, pelo estudo de sua prática nas mais antigas religiões e filosofias conhecidas, e sua comparação com o que vem sendo realizado no Brasil.*

c) DOCTRINA: *Uniformização dos princípios doutrinários a serem adotados no Espiritismo de Umbanda, pela seleção dos conceitos e recomendações que se apresentarem como merecedoras de estudo, para o maior esclarecimento dos seus adeptos.*

d) RITUAL: *Coordenação das várias modalidades de trabalho conhecidas, afim de se proceder á respectiva seleção, e recomendar-se a adoção da que for considerada a melhor delas em todas as tendas de Umbanda.*

e) MEDIUNIDADE: *Coordenação das várias modalidades de desenvolvê-la e sua classificação segundo as faculdades e aptidões dos médiuns.*

f) CHEFIA ESPIRITUAL: *Coordenação de todas as vibrações em torno de Jesus, cuja similitude no Espiritismo de Umbanda é "Oxalá", o seu Chefe Supremo.*

**Trecho retirado na íntegra do livro Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda.*

É justamente nesse ponto que o perigo se faz. Pois na sede de deter o conhecimento, ou até sanar a sua curiosidade, o adepto preenche essas lacunas com um saber imaturo, ou pior, com seus preconceitos e muitas vezes inconscientemente, forma as próprias verdades, ignorando, o caminho evolutivo junto as suas entidades no que tange a conhecer a Umbanda e seus mistérios.

Cabe aqui um alerta, **conhecer a Umbanda é conhecer a história**, pois apenas quando buscamos as origens desta prática é que conseguimos identificar o que nela é de ordem espiritual e o que é de origem carnal.

O trecho citado acima do I. Congresso do Espiritismo de Umbanda é um claro exemplo das atuações pessoais, de um determinado grupo praticante da Umbanda sob todo o contexto religioso que carrega essa denominação. **A criação de uma federação que impôs a normatização da prática umbandista**, considerando apenas a sua parcela social e cultural como verdade absoluta, deixou fortes marcas e gerou grandes perdas em relação as heranças afro-brasileiras e ameríndias também características da Umbanda.



A organização das linhas e falanges obedeciam a uma necessidade dos adeptos da Umbanda que sincretizaram os Orixás com os Santos católicos no início da religião. Não devemos esquecer que, no final do século XIX e início do século XX, era comum classificar, racionalizar, organizar. Também é bom ressaltar que, nos cultos de nação, não existe as Sete Linhas. Linhas e falanges constituem divisões que agrupam as entidades em função das afinidades intelectuais e morais, da origem ética e, principalmente, do estágio de evolução espiritual em que se encontram no plano espiritual. (TRINDADE, 2023)

A Umbanda não pode ser determinada ou domada. É uma religião jovem, que desde seu surgimento prova estar acima das limitações sociais e culturais. Uma religião em crescimento e, formação e por isso, não cabe em sua estrutura dogmas ou padrões que, em verdade, não passariam de empréstimos de outras doutrinas amigas, como o catolicismo ou o kardecismo.

A Umbanda é, inicialmente, parte da essência humana. Sendo assim, **ela cresce e evolui com os conhecimentos e vivências de seus adeptos.**

Ela é a mãe que abraça seus filhos e aprende com eles ao mesmo tempo que ensina. Portanto, creio ser correto afirmar que as demais verdades expressas em livros, palestras ou qualquer meio de propagação da informação, são a composição heterogênea e funcional direcionada para o umbandista, a fim de afinar a sua experiência pessoal e a religiosidade praticada dentro de determinado local, tempo e cultura específicos. E, assim, não será necessariamente igual a todos os umbandistas do mundo.



APRENDENDO COM AS PALAVRAS DA MARIA PADILHA CIGANA DAS ALMAS

A UMBANDA É UMA ÁRVORE, ELA TEM RAÍZES PROFUNDAS, LARGAS, QUE SE ESPALHAM PELA TERRA DESSA PÁTRIA E DELA ABSORVEM TODA A ENERGIA DO POVO QUE POR ESSE PAÍS LUTOU, QUE DEU SEU SUOR, SANGUE E VIDA PARA VER O PROGRESSO CHEGAR A ESSE LUGAR.

COMO A ÁRVORE FORTE E DESTEMIDA QUE É, A UMBANDA NÃO OLHA PARA AS SUAS RAÍZES, NÃO

TEME O TAMANHO QUE ELAS IRÃO ATINGIR OU MESMO A QUE LUGAR DESSE SOLO CHEGARÃO.

A CADA NOVO SABOR, A CADA NOVA ENERGIA QUE SUAS RAÍZES ABSORVEM, ELA SE FORTALECE E FLORESCE NUMA COR DIFERENTE, COM CHEIROS EXÓTICOS E NOVOS DESAFIOS. SEMPRE OLHANDO PARA CIMA, PARA O CÉU, PARA O CAMINHO DE SUA EVOLUÇÃO.

A UMBANDA NÃO É UMA RELIGIÃO DE CONTEMPLAÇÃO, MAS SIM A FÉ EM AÇÃO.

AINDA É MENINA, AINDA VIBRA SOB AS FORÇAS DE OXAGUIAN E POR ISSO NÃO SE CONTENTA EM CUIDAR DE SUAS RAÍZES, ELA ANSEIA QUÊ SUA BASE SE MULTIPLIQUE E NÃO TEME O DESCONHECIDO QUE PODE VIR TOCAR SUAS FOLHAS OU SUAS RAÍZES, POIS RECONHECE SUA FORÇA E SUA CAPACIDADE DE TRANSFORMAR E RESSIGNIFICAR ESSAS ENERGIAS.

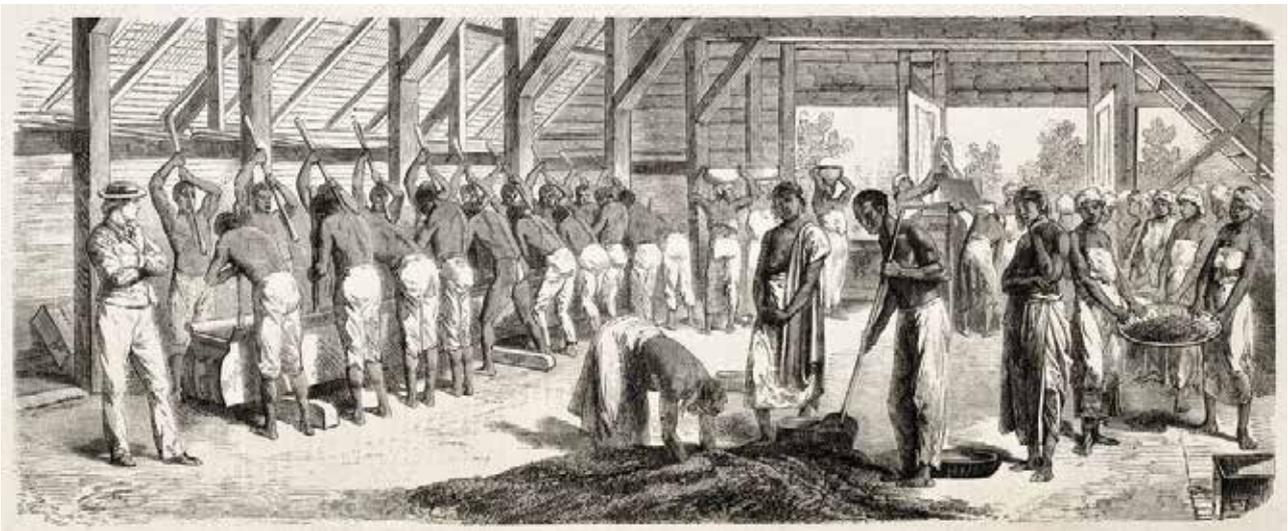
A UMBANDA NÃO SE CURVA PARA ENXERGAR SUAS RAÍZES, ELA SABE DE ONDE VEM, MAS ESTÁ PRONTA PARA DESCOBRIR AONDE É CAPAZ DE CHEGAR E POR ISSO, OLHA OS CÉUS.



AS NAÇÕES AFRICANAS E OS ORIXÁS

Segundo Santos (2006), a compreensão da história do Brasil nos últimos 500 anos, não se dá sem o conhecimento da presença negra na sua constituição. O modo de vida, de trabalho e até de pensar do povo brasileiro está impregnado da matriz africana, quer seja na linguagem, na gestualidade, ou na religiosidade, tornando difícil dissociar a negritude daquilo que denominamos cultura brasileira.

Segundo Carvalho (2010), a escravidão era uma prática comum entre diversos grupos no continente africano e uma das formas de reconhecimento à soberania





política da cultura banto⁰¹. Isso ocorreu porque, na dinâmica africana, os Daomés mantinham-se em constante guerra com a região de Ketu e Oyó. Eles eram um povo reconhecido por seus guerreiros e amazonas, e temido pelos demais reinos da África devido ao seu histórico de conquistas.

Sendo assim, esse povo produziu muitos escravos nagôs, que eram entregues aos portugueses através dos portos daomeanos e levados em sua maioria, para a Bahia.

Já nos portos nagôs, um número menor de prisioneiros eram disponibilizados também para o mercado negreiro e levado, em sua grande maioria para a Bahia e Maranhão.

Em relação a isso Silvério (2013) acrescenta, que os africanos de um modo geral, formariam no Brasil alguns padrões principais de cultura negra, tais como: a sudanesa (iorubanda), principalmente na Bahia, mas também encontrada no Norte/Nordeste, tendo como características o culto aos orixás, a realização de iniciação, a prática de ritos mágicos, música e dança/rituais, esculturas em madeira, em metais e outros tipos de trabalhos manuais, como instrumentos musicais, por exemplo e, inclusive influenciando no nosso léxico.

Já os bantos, adentraram principalmente o estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais e são mais estudados pela perspectiva linguística; pelo culto aos antepassados e aos espíritos; por meio do estudo do quimundo incorporado à língua portuguesa falada no Brasil; pelas festas, tais como: coroação de reis, danças que simulam a caça e a guerra (carnaval), festas do boi; pelo folclore; pelas esculturas em madeira, confecções de objetos, entre outros.

Inicia-se um mapa cultural e religioso que revela a distribuição das nações afro-brasileiras devido ao período de escravidão, permitindo assim, o vislumbre das origens que formaram as principais influências refletidas na Umbanda.

Religiosamente essa geografia cultural é perceptível ao pesquisar o número de terreiros de Candomblé pertencentes a nação de Ketu que historicamente estabeleceram suas casas nessa região. Ainda hoje a Bahia é reconhecida como o berço do Candomblé de Ketu, tendo suas raízes espalhadas por muitas outras regiões, incluindo o estado de São Paulo.

As principais nações africanas que formaram as religiões afro-brasileiras foram segundo Barros (2016), a bantu, a iorubá e a fon, as quais compreendem países, cidades e etnias. Outras também vieram, mas suas tradições foram se perdendo com o tempo. O autor referido afirma que cada nação tinha suas próprias divindades, a bantu: bacurus e inquices; a iorubá: os orixás e a ancestralidade e a fon: os voduns.

ABC NOTAS:

01. Segundo Giroto (1999) o termo Bantu significa homens, seres, pessoas ou povo. O vocabulário Bantu passou a designar um conjunto de aproximadamente 400 línguas a partir de 1862. O território desse contingente populacional se espalhou por quase toda a África através de pequenos grupos que se migraram por todo o continente. Porém os bantus se fortaleceram ao se mesclarem com a população existente do território Sul do Deserto do Saara, ocupando praticamente quase todo este local. Devido ao forte processo migratório desse povo, existem muitas contradições sobre suas origens e, também a diversidade que compõe suas práticas culturais.

Para o autor anteriormente citado, embora essas divindades possuam algumas semelhanças, são muito diferentes em comportamento, personalidade, na dança, nas vestimentas, no tipo de alimentação e na comunicação, pois que são divindades de locais e de costumes distintos, mas com o mesmo ideal, o de ajudar o povo a ser mais feliz.

Sobre a cultura trazida pelos negros pode-se incluir nesse repertório a manipulação de plantas medicinais, um saber tradicional dos povos africanos, que foi usado amplamente nas comunidades quilombolas e senzalas para garantir a recuperação dos doentes e feridos.



NAÇÃO EFON

Efon é uma nação grande e com grandes orixás. Na África a nação ainda existe, e lá ainda cultua-se muitos orixás que se perderam no caminho para o Brasil.

Segundo Barros (2018) a nação de Efon é parte das nações lorubás e originalmente seu povo localizava-se na região de Ijexá e Nigéria.

Considerada uma grande nação, tem Oxum como sua Orixá responsável, governando ao lado de seu pai Oloroquê e dos príncipes Oxaguian e Logunedé.

A regência desses Orixás e as práticas e rituais a eles consagrada fazem de Efon a nação dos feitiços.



Àsè Oloroke Pantanal

Aqui no Brasil, o culto Efon, chegou através dos africanos oriundos de Èkìtì-Èfon; a Princesa Adébòlú, e o Bàbá Irufá.

Naquela época, os portugueses trocavam os nomes dos africanos que aqui chegavam, então ela passou a se chamar: Maria Bernarda da Paixão, e ele; José Firmino dos Santos.

Adébòlú era iniciada para Olókè, Orixá das montanhas, e Bàbá Irufá para Oxum, a Àyba Efon (Rainha do culto Efon).

Foram eles que fundaram em Salvador, no Bairro do Engenho Velho de Brotas, o primeiro Terreiro que daria início ao culto da Nação Efon no Brasil, chamado: Àṣẹ̀ Yàngbà Olórokè ti Efon, mais conhecido como Àṣẹ̀ Olórokè.

Conhecidos por serem equilibrados, na chegada ao Brasil, assim como ocorreu com as demais nações, os Efons perderam muito de seus fundamentos e conceitos, adaptando e unindo-se com outros povos iorubás, mas ainda guardando apenas para seus adeptos os verdadeiros segredos que compõe essa nação.

Oxum, como soberana na nação de Efon, orienta que a renovação é importante para o aprimoramento e a evolução do conhecimento religioso de Efon, o que torna essa uma nação viva e latente dentro dos cultos de matriz-africana.



NAÇÃO BANTU



A palavra Bantu foi utilizada pela primeira vez em 1862, por W.H.I .Bleck, para designar as numerosíssimas falas aparentadas [...] que cobrem uma superfície de uns nove milhões de quilômetros quadrados ao sul de uma linha quase horizontal, a cortar o continente africano, da baía de Biafra a Melinde. O termo banto aplica-se, hoje, também aos povos e somam mais de duzentos milhões de pessoas que utilizam um daqueles idiomas. (SILVA, 2006. p. 209)

Segundo Santos (2013) sabemos que o povo Bantu é milenar e equivale a um terço da população africana. Além de conservar suas especificidades, consegue, também, acompanhar as inovações culturais. A despeito de ser um povo plural e diverso, no que se refere aos saberes, mantém uma unidade cultural. O povo Bantu é um conjunto de vários povos que tem a mesma origem e língua, referindo a praticamente as etnias do sul, leste e centro da África.



O nome Bantu não se refere a uma unidade racial. Assim, não podemos falar de uma raça Bantu, mas sim de povo Bantu, isto significa uma comunidade cultural com uma civilização comum e linguagens similares. Depois de muitos séculos de movimentações, guerras e doenças, os grupos Bantu mantiveram as raízes da sua origem comum. Os povos Bantu, além do semelhante nível lingüístico, mantiveram uma base de crenças, rituais e costumes muito similares; uma cultura com características idênticas e específicas que os tornam semelhantes e agrupados. (GELEDES, 2021)



Segundo Daibert (2023) a religião dos bantos era estruturada a partir da crença em uma pirâmide vital, dividida entre o mundo invisível e o mundo visível. Em uma ordem hierárquica de importância, no primeiro grupo encontravam-se a divindade suprema, os arquipatriarcas, os espíritos da natureza, os ancestrais e os antepassados. No segundo grupo estavam situados os reis, os chefes de reino, tribo, clã ou família, os especialistas da magia, os anciãos, a comunidade, o ser humano, os animais, os vegetais, os minerais, os fenômenos naturais e os astros.

Segundo a tradição religiosa banto, a vida é sustentada por um Ser Supremo que reina sobre o universo e sobre os homens de modo distante, porém benéfico. Todos os povos que compartilhavam a cosmovisão banto acreditavam em um deus único, supremo e criador, chamado de Kalunga, Zambi, Lessa ou Mvidie, entre outros nomes, de acordo com o grupo étnico específico e com os atributos que se pretendia destacar nessa divindade, como a totalidade da vida, a superação de tudo em todos, a força e a inteligência. Segundo essa crença, após a criação do mundo, o Ser Supremo se distanciou dele, entregando sua administração aos ancestrais fundadores de linhagens, seus filhos divinizados. Por ser um deus distante, ele quase não recebia culto ou adoração, nem era representado por imagens. Apesar disso, conservava a dinâmica e a ordem do cosmo, mantendo o mundo unido.

Abaixo da divindade suprema estavam os arquipatriarcas, fundadores dos primeiros clãs humanos e dos grupos primitivos que receberam a vida diretamente de Deus e foram encarregados de perpetuá-la. Abaixo dessa categoria situavam-se os espíritos tutelares ou gênios da natureza, que habitavam os lagos, os rios, pedras, ventos, florestas ou objetos materiais. Esses seres, embora não possuíssem forma humana, exerciam grande influência sobre os homens, notadamente sobre as atividades da caça, pesca e agricultura. Além disso, criados pelo Ser Supremo, atuavam sobre os fenômenos da natureza uma vez que estavam ligados ao ar, à terra, às águas e à vegetação. Abaixo desses gênios da natureza ou ao lado deles na pirâmide vital, encontravam-se os ancestrais, espíritos fundadores de linhagens, venerados por

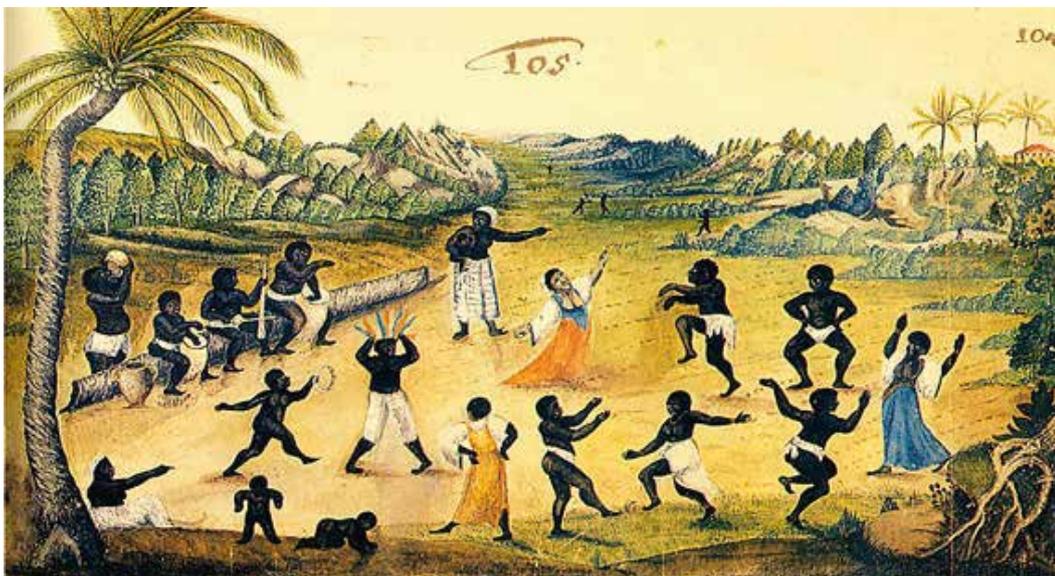


terem deixado uma herança espiritual favorável à evolução de sua comunidade. Eram eles os responsáveis por garantir a solidariedade e a estabilidade de um grupo.

Logo abaixo dos ancestrais, na hierarquia espiritual, merecia grande destaque a figura dos antepassados. Mais próximos dos seres humanos, eles eram em geral parentes próximos e, como defuntos mais recentes, eram personalizados. Para que o espírito de uma pessoa falecida se tornasse um antepassado era preciso considerar a forma como ele morreu e a conduta que teve em vida. Era preciso ter deixado as marcas de uma boa conduta moral, ter vivido até a velhice, não ter se suicidado, e ter deixado grande descendência.

Além disso, o antepassado deveria se manifestar em algum vivo por meio da possessão, enviando mensagens aos seus familiares com os quais passava a desenvolver uma relação de muita proximidade. Todos esses sinais apontavam para o perfil do antepassado que, assim como os ancestrais, passava a ser cultuado e assumia a função de intermediário entre o Ser Supremo e determinada comunidade dos vivos.

A noção de força vital é um valor supremo na tradição religiosa banto, espécie de chave de compreensão de seus fundamentos e concepção de mundo. É ela que move os homens e o universo. Nessa visão, o mundo é concebido como energia e não como matéria, de modo que a noção de força toma o lugar e se confunde com a noção de ser. Todo ser é por definição força, e não uma entidade estática, e por isso a pessoa humana tem caráter dinâmico. Em outras palavras, o ser não existe em um primeiro momento para depois ser revestido de força, ou para em algum momento possuir força. O ser é força em sua constituição. Mas a energia vital não se limita aos vivos. Sua fonte é um deus supremo e único que distribuiu essa força aos ancestrais e aos antepassados no mundo espiritual e, em seguida, no mundo dos vivos, respectivamente aos reis, chefes de aldeias, de linhagens, anciãos, pais, filhos, ao mundo animal, aos vegetais e aos minerais. Esses mundos encontram-se inteiramente interligados, de modo que, como numa teia de





aranha, não se pode vibrar um único fio sem gerar movimento em todos os outros. A força vital pode aumentar ou diminuir por meio da lei da interação das forças, de modo que um ser pode fortalecer ou enfraquecer outro ser. As próprias instituições sociais e políticas estão ancoradas nessa noção.

Assim, os povos bantos só entendiam a vida no sentido comunitário. **Viver não era simplesmente existir, mas sim interagir com a comunidade**, estar em movimento nessa grande cadeia de relações e conexões expressas na pirâmide vital, movimentando-se pela comunidade, com a comunidade e para a comunidade.

Durante os anos de escravidão, os povos bantos que chegaram ao Brasil, mesmo pertencendo a etnias diferentes, acabaram denominadas de angola ou congo.

As divindades que compõe a nação bantu são chamadas de Inquices, que pode ser traduzido como espírito que auxilia e são dominadores das forças da natureza.

Apesar das semelhanças é um erro comum, proveniente do sincretismo, traduzir as semelhanças dos Inquices como igualdades no que se refere as demais divindades das nações africanas.



[...] Tal como os orixás e os voduns, estas divindades também dominam uma força da natureza, possuindo, contudo, suas próprias folhas, seus metais, suas pedras, suas cores, etc. Sendo assim, não podemos traduzir estas semelhanças como igualdade, pois estas divindades têm particularidades e peculiaridades independentes. Podem existir até mesmo coincidências, mas, insistimos, cada uma tem suas características e personalidades individuais. Mas convém dizer que o responsável por tal semelhança é a própria natureza, visto que todas as divindades, separadamente, respondem e cuidam de cada elemento que dela faz parte. (BARROS, 2018)

OS CALUNDUS COLONIAIS E A RELIGIOSIDADE BANTO

Nas últimas décadas, pesquisas acadêmicas revelaram a extraordinária quantidade de escravos traficados da África Central para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. Nesse período, 45% ou cerca de 5 dos 11 milhões de africanos traficados como escravos para as Américas eram centro-africanos.

Tais constatações nos levam a pensar na força da tradição bantu na configuração da experiência religiosa do Calundu. **Esse ritual religioso de origem centro-africana era praticado no Brasil, principalmente na Bahia e em Minas Gerais**, durante o período colonial. Embora seja evidente a presença de uma variedade de ritos distintos que recebiam o nome de calundu, muitos tinham em comum o uso de instrumentos de percussão, a invocação de espíritos (muitas vezes de defuntos a quem se faziam oferendas), a possessão, a adivinhação e a busca da cura de doenças.

Nas sessões de calundu, **muitas pessoas buscavam a cura de distúrbios mentais, perturbações espirituais ou mesmo doenças físicas** como tuberculose, varíola, lepra, entre outras. Os calundus não eram realizados em templos nem em terreiros espe-



cíficos para fins religiosos. Seus rituais aconteciam em espaços domésticos das casas e fazendas, atraindo grande número de pessoas de vários segmentos sociais, não se restringindo o público apenas a escravos e afrodescendentes livres.

No início dos rituais do calundu, os cânticos, as danças e o toque de instrumentos de percussão precediam ao mesmo tempo que estimulavam o transe do celebrante. Este em geral vestia-se com roupas especiais, portando panos, fitas e penas na cabeça. Geralmente contava com dois ou três assistentes, encarregados de tocar os instrumentos e auxiliá-lo na preparação da invocação, nas oferendas e no preparo das ervas e raízes. A mediunidade e as danças eram em geral restritas ao oficiante do rito, cuja finalidade principal era a adivinhação e a cura.

Assim como na tradição religiosa africana banto, a experiência de possessão no calundu colonial permitia ao especialista da magia incorporar as energias de seus antepassados, socializando seus saberes e promovendo a cura de diversos males, aliviando assim as dores do cativo. Ao entrar em transe embalado pelo som dos atabaques tocados por seus ajudantes, o oficiante geralmente produzia urros e sua voz era alterada, sinalizando a presença incorporada de um antepassado que conversava com seus descendentes, respondendo a perguntas e prestando consultas. Os sacerdotes, oficiantes do calundu vulgarmente conhecidos como feiticeiros, atuavam como médiuns e invocavam o espírito de um antepassado, que entrava em seu corpo e conversava com as pessoas presentes.

RECONHECENDO NOSSAS RAÍZES

Por estarmos situados na região Sudeste do Brasil e pela completa ausência da história do Brasil em nossa educação, muito foi perdido da pluralidade e riqueza cultural e religiosa trazida pelos negros durante o processo da escravidão.

Entretanto se erguermos nosso olhar para os demais estados brasileiros perceberemos que a formação da Umbanda já se inicia tão plural quando a sua composição e atuação pois, ao estudarmos as características da nação Banto e o culto afro-brasileiro por eles instaurado no período colonial, encontraremos mais semelhanças do que diferenças no que tange à prática da Umbanda.

Talvez tenhamos encontrado aqui os verdadeiros avós, ancestrais dos terreiros e rituais que hoje permeiam a nossa fé.



NAÇÃO FON

O culto dos voduns foi trazido para o Brasil e para as Américas com escravos procedentes do antigo Reino do Daomé. Por essa razão, além do Daomé, o Haiti e o Maranhão, tornaram-se “terras” dos voduns de onde a religião se expandiu para outras regiões. O antigo Reino do Daomé na África Ocidental, conhecido de aproxi-

madamente 1600 a 1900, sediado na região pertencente ao Benin, falante da língua Ewe-Fon, conhecida no Brasil como jeje, foi o berço desta religião.

Na nação Fon as divindades são chamadas de voduns e são cultuados aos pés de antigas árvores. São divididas em famílias, seguindo como parâmetro a sua especialidade e os elementos da natureza.



Os voduns são considerados ancestrais remotos divinizados e, como os homens, podem ser jovens, velhos, crianças, femininos, masculinos, tendo pertencido a famílias reais e ilustres. (BARROS, 2018)

O povo Fon é vizinho dos Yorubás, que os dominaram por certo tempo e exerceram muita influência sobre ele. A grande multiplicidade de deuses, de cultos e de mitos é uma das características da religião daomeana. A introdução de novos deuses e novas idéias relaciona-se com as conquistas. O reino aceitava cultos das sociedades dominadas e os casamentos de reis com mulheres de outras tribos, que traziam seus cultos fez com que a religião englobasse inúmeras divindades de povos vizinhos, como ocorre até hoje.

Com a grande proximidade entre as duas meganações, iorubá e fon, houve uma facilidade de inclusão de divindades em ambas, onde alguns voduns foram aceitos no panteão dos Orixás, e alguns Orixás foram aceitos no panteão Voduns.

São exemplos voduns aceitos: Sakpatá (Omolu), Nã (Nanã), Bessén (Oxumaré) e lewa (Ewá).



NAÇÃO JEJE

O continente africano pode ser dividido em duas partes, cortando-o com uma linha demarcatória à altura do Golfo da Guiné. Dessa linha para cima, as tradições culturais negras são chamadas sudanesas e desse paralelo para baixo, chamadas de bantos. Dos negros sudaneses, as culturas que mais influenciaram no Brasil foram a nagô (nàgó) e a jeje, provenientes da Nigéria e do Daomé respectivamente.

Assim, como os nagôs ou iorubas, os jêjes ou ewes, foram milhares de negros roubados de várias partes do continente africano e chegaram em terras brasileiras, principalmente na Bahia. Como esses escravizados estavam sempre concentrados, suas identidades específicas foram reconstituídas ou construídas novamente. Os falantes do ioruba viraram nagôs e os do grupo gbe (fon, mahi e ewe) viraram jejes.



Não existe e nunca existiu nenhuma nação Jeje, em termos políticos. O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons provenientes da região de Dahomé e pelos povos mahins.

Jeje era o nome dado de forma pejorativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste, porque os mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá

ou Savalu eram povos do lado sul. O termo Saluvá ou Savalu, na verdade, vem de "Savê" que era o lugar onde se cultuava Nanã. (SAPOLIFESTYLE, 2021)

Sua origem foi no Maranhão, mas após um período espalhou-se pelo Nordeste e depois para São Paulo e Rio Grande do Sul.

Os Orixás são chamados de Voduns, e a Deusa maior é o Mawu (a Lua). Segundo conta os mais antigos, Mawu encontrava-se com seu amado Lissa (Sol) durante o eclipse, o que deu origem aos 14 Voduns.

No Maranhão o Candomblé Jeje ficou conhecido como Tambor de Mina, e o terreiro destinado ao seu culto corresponde a uma área ampla, pois precisam de: Casa de Legba. – onde realizam as obrigações maiores – pequenas casas das divindades, um barracão central para as danças, quartos para dormir, se vestirem e fazer os alimentos. (IQUILIBRIO, 2021)



O VODUM E O JEJE

Segundo os estudos históricos e sociais, a maioria dos voduns foi levada para o Benim nos processos migratórios, ou à força, nas épocas de conquistas entre reinos vizinhos de África.

Foi assim que os cultos dos Voduns, chamados hoje em dia tradicionais, nasceram a partir de um longo processo de legitimação. Esse processo de legitimação iniciou no século XVII e acompanhou o processo de identidade étnica e nacional. Mesmo reconhecendo suas origens nigerianas, os iorubá do Benim hoje em dia se consideram beninenses.

O Vodum é uma religião extremamente importante no sul do Benim (e também em outros países vizinhos, como na Nigéria). Essa religião é a base para a cultura dos povos da região e influencia completamente seus modos de vida e cotidiano.

O Vodum não era reconhecido como uma religião pelo Estado do Benim até 1992. Essa prática era a religião de muitos dos escravos que foram levados para o Brasil até o século XIX e é um ancestral direto do Candomblé do Brasil, especialmente o chamado Jeje.

Essa religião cultua os antepassados e entidades conhecidas como loas. O vodu é parecido com o candomblé. Os rituais são marcados pela música, a dança e muita comida. Quem conduz o ritual é um líder homem (hougan) ou uma líder mulher (mambo). Na cerimônia, os participantes entram em transe e incorporam os loas (existem os bons e maus) e, além disso, comem animais sacrificados.

No Brasil, a mesma matriz religiosa, trazida pelos negros da África Ocidental, misturou-se com outras práticas religiosas, sobretudo o catolicismo, que ganhou expressões na Bahia. Em território baiano, foi chamado de candomblé jeje e, no Maranhão e Amazonas, foi batizado de tambor de mina. O vodu influenciou bastante a cultura brasileira.



AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

É justamente a variedade de religiões de matrizes afro-brasileiras, associado a cultura regional que fazem com que a Umbanda, ainda que praticada em diversos estados do Brasil, seja uma religião heterogênea.



Quanto bons adeptos, reconhecer essas diferenças como características dessa prática e buscar suas raízes, auxiliam na quebra do preconceito gerado entre os umbandistas, que acreditam na existência de uma verdade absoluta, renegando assim, outras práticas a menos importantes.

Sendo assim, seguem algumas definições:



Religião	Região	Bases e crenças	
Candomblé	Acre Alagoas Amapá Amazonas Bahia Ceará Espírito Santo Goias Maranhão Mato Grosso Mato Grosso do Sul Minas Gerais Pará	Paraíba Paraná Pernambuco Piauí Rio de Janeiro Rio Grande do Norte Rio Grande do Sul Rondônia Roraima Santa Catarina São Paulo Sergipe Tocantins	<p>Candomblé é uma religião afro-brasileira em que se pratica o culto de divindades de origem africana chamadas orixás. Assim, apesar de ter nascido na Bahia, no século XIX, o candomblé foi formado a partir de tradições religiosas africanas de povos iorubás. Essas tradições foram trazidas ao Brasil por populações negras escravizadas vindas de países da África Ocidental, como Nigéria, Benin e Togo. Os rituais do candomblé são realizados em locais de culto denominados terreiros, liderados por um pai ou mãe de santo. Durante as cerimônias, chamadas de toques, os participantes cantam e dançam, e os filhos-de-santo incorporam os orixás. Boa parte dessas cerimônias seguem um calendário fixo e são feitas em homenagem às divindades.</p> <p>Os candomblecistas dividem-se em nações, entre as quais a congo, nagô, angola, ijexá, jeje e ketu. As nações são segmentos da religião e se diferenciam entre si por seus rituais, canções e vestimentas. (SIGNIFICADOS, 2021)</p>
Umbanda	Acre Alagoas Amapá Amazonas Bahia Ceará Espírito Santo Goias Maranhão Mato Grosso Mato Grosso do Sul Minas Gerais Pará	Paraíba Paraná Pernambuco Piauí Rio de Janeiro Rio Grande do Norte Rio Grande do Sul Rondônia Roraima Santa Catarina São Paulo Sergipe Tocantins	<p>A umbanda é uma religião brasileira resultante da mistura de elementos de religiões africanas, indígenas, orientais e europeias (catolicismo e espiritismo kardecista). Por seu aspecto mestiço e sincrético, a umbanda é considerada uma religião genuinamente nacional.</p> <p>Uma versão bastante difundida sobre a origem dessa religião diz que ela nasceu durante uma sessão espírita no dia 15 de novembro de 1908, na cidade de Niterói (RJ). É por isso que no dia 15 de novembro se comemora o Dia da Umbanda. Da matriz africana, a umbanda assimilou, entre outras coisas, o culto aos orixás. Do catolicismo, herdou sobretudo os princípios da caridade e do amor ao próximo (o "amai-vos uns aos outros", do Evangelho de João). Dos indígenas, adotou elementos da pajelança (rituais xamânicos conduzidos pelo pajé para a cura e a previsão). Do hinduísmo, herdou as noções de carma e reencarnação, que também aparecem no espiritismo.</p> <p>A palavra umbanda tem origem no idioma bantu e tem dois significados: "lugar de culto" e "sacerdote". Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, entidade mensageira responsável pela definição das bases dessa religião, "A umbanda é a manifestação do espírito para a caridade." (SIGNIFICADOS, 2021)</p>
Cabula	Minas Gerais Pernambuco Rio de Janeiro Rio Grande do Sul Santa Catarina		<p>Cabula foi uma religião afro-brasileira surgida nos fins do século 19 que era praticada no Espírito Santo. Ganhou força e popularidade, tanto entre negros como entre brancos, após a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888. Mas acabou por ser extinta, devido à intolerância religiosa e perseguição do governo.</p> <p>Resultado da fusão de elementos banto-angolanas, malês, católicos e espíritas, seus rituais eram feitos ao ar livre, embaixo de uma árvore frondosa, com uma fogueira. Em seus rituais eram incorporados espíritos de antepassados e se usava um vocabulário de origem banto.</p> <p>Suas reuniões eram chamadas de "mesas" e podiam ser de vários tipos, destacando-se a mesa de Santa Bárbara e a de Santa Maria, que se subdividiam em outras. Outra "mesa" era a de São Cosme e São Damião. Essas mesas eram compostas de toalha, velas e imagens e eram colocadas sempre voltadas para o leste. As reuniões também eram conhecidas como engiras. (CAMINHOS DO AXÉ, 2021)</p>
Batuque	Rio Grande do Sul		<p>O desenvolvimento dessa crença acontece em templos que levam o nome de "casa de batuque". Cada uma delas se organiza sob a liderança de um sacerdote que assume a condição de pai ou mãe de santo. Tendo ampla autoridade em seu templo, os sacerdotes das casas de batuque costumam criar uma rede de relações ao visitarem seus templos.</p> <p>Não tendo interesse em sua ampla disseminação, os praticantes do batuque guardam a crença para que seus inimigos não tomem conhecimento desse seu dote místico. Ao se filiar a uma casa de batuque, o convertido se aproxima dos dois orixás que guiam a sua vida, sendo que um é responsável pelo corpo e outro pela mente. Assim como em outras religiões, o batuqueiro tem a preocupação de realizar oferendas e homenagens aos orixás que o protegem.</p> <p>As oferendas desenvolvidas no batuque exigem o oferecimento de alimentos e de sangue animal, que geralmente é derramado na cabeça do praticante e no ocutá (uma espécie de pedra que representa o orixá). Do ponto de vista simbólico, essa ação busca alimentar os orixás, para que, assim, eles estejam fortes o suficiente para proteger os seus filhos humanos. (BRASIL ESCOLA, 2021)</p>
Culto de Ifá	Bahia Espírito Santo São Paulo		<p>O Culto de Ifá é um culto exclusivo a este Orixá.</p> <p>Acreditamos que Orunmilá estava presente quando recebemos o nosso destino de Eledumare (Deus), ele é conhecido pelo iorubás como Elerí Ipin, ou seja, a testemunha (ou defensor) do destino humano. Ifá presença o nascimento de todos os seres. Ele conhece o ipin ori, destino do ori (Essência Divina), e é capaz de sondar o futuro e orientar quem o procura.</p> <p>É através da iniciação que conhecemos o nosso Odu (vamos aqui de forma incompleta, interpretar como destino), e esse conhecimento só é possível através dessa iniciação. Nenhum simples jogo tem a poder de revelar o nosso Odu.</p> <p>A partir do conhecimento/revelação deste Odu, a pessoa recebe uma espécie de manual, que a faz compreender as dificuldades que tem na vida, assim como recebe os seus ewós pessoais e a prescrição de iniciação em alguns Orixás.</p> <p>Tudo isso tem um único objetivo: Que cada pessoa, individualmente, receba ferramentas e instruções para que consiga cumprir o seu predestino/missão com louvor. Em minha família não há entrega de diplomas após o Ifé e a nenhuma iniciação. (MEU CORAÇÃO AFRICANO, 2021)</p>



Religião	Região	Bases e crenças
Culto de Egungum	Bahia Rio de Janeiro São Paulo	Egungun, espírito ancestral de pessoa importante, homenageado no Culto aos Egungun, esse culto é feito em casas separadas das casas de Orixá. No Brasil o culto principal à Egungun é praticado na Ilha de Itaparica no Estado da Bahia mas existem casas em outros Estados. Normalmente chamado de Babá (pai) Egun, Babá-Egun. Também pode ser referido como Essa nome dos ancestrais fundadores do Aramefá de Oxóssi (conselho de Oxóssi, composto de seis pessoas). Ou Esa espírito dos adoxu e dignitários do egbe (casa). O objetivo principal do culto dos Egun é tornar visível os espíritos dos ancestrais, agindo como uma ponte, um veículo, um elo entre os vivos e seus antepassados. E ao mesmo tempo que mantém a continuidade entre a vida e a morte, o culto mantém estrito controle das relações entre os vivos e mortos, estabelecendo uma distinção bem clara entre os dois mundos: o dos vivos e o dos mortos (os dois níveis da existência). (GELEDES, 2021)
Omoloko	Bahia Rio de Janeiro São Paulo	O Omoloko é originário do Rio de Janeiro, que também serviu de berço para o surgimento da Umbanda, conforme relatam alguns estudiosos. No Rio de Janeiro, antes mesmo da origem oficial da Umbanda (1908), já eram comuns práticas afro-brasileiras similares ao que hoje conhecemos como Cabula e Omoloko. A cultura de um país é avaliada pelos reflexos conjunturais das atividades: científicas, artísticas e religiosas de um povo. Evidentemente essa cultura foi adquirida aos poucos, advinda de outras culturas através dos séculos. Segundo Tancredi da Silva Pinto, Tatá Ti Inkice, em seu livro Culto Omoloko – Os Filhos de Terreiro – Omoloko é uma palavra yoruba, que significa: Omo – filho e Oko – fazenda, zona rural onde esse culto, por causa da repressão policial que havia naquela época, os rituais eram realizados na mata ou em lugar de difícil acesso dentro das fazendas dos donos de escravos. Talvez por causa disso hoje tenhamos as denominações de “terreiro e roça” para os lugares onde os cultos afro-brasileiros são realizados. Nesse culto os orixás possuem nomes yoruba (Nagô), até seus Oriki (tudo aquilo que se relaciona ao Orixá) e seu Orukó (nome) são trazidos através do jogo de búzios ou Ifá. Seus assentamentos se parecem com os do candomblé Nagô. Os Exus também são feitos de argila a semelhança de uma pessoa ou então simbolicamente em ferro. Podemos relacionar o significado da palavra Omoloko também ao Orixá Okô, a deusa da agricultura, que era adorada nas noites de lua nova pelas mulheres agricultoras de inhame. Antigamente, o Orixá Oko era muito cultuado no Rio de Janeiro. Esse Orixá era assentado junto com Oxóssi, o que viria dar maior consistência a origem do culto Omoloko que é fortemente influenciado por Oxóssi. O culto a Oxóssi é o que melhor marca o contexto religioso dos negros afro-brasileiros, bastando que para isso notarmos o destaque dado ao culto de caboclo, que está intrinsecamente ligado a Oxóssi. (AWURE, 2021)
Quimbanda	Rio de Janeiro São Paulo	Quimbanda pode ser traduzida pela origem da palavra como: grão-sacerdote do culto banto, ao mesmo tempo médico, feitiçeiro e adivinho. (DÍCIO, 2021) A denominação quimbanda, muitas vezes usada como acusação a práticas de umbanda, não se reduz apenas a isso, posto que há grupos que se autodenominam de quimbanda. Aqueles que se autodenominam conhecedores ou praticantes da quimbanda descrevem que para isso é preciso ter muita “firmeza”, isto é, ser firme, contundente, o que exige experiência e conhecimento. Na quimbanda, as entidades espirituais ditas da linha da esquerda - que na umbanda geralmente ocupam posição muito importante, porém subalterna e periférica, que não rege o culto - assumem a primazia. Essa linha é descrita como “perigosa” e por isso na umbanda costuma ficar sob tutela da “direita”, o que informa ao interlocutor sobre possíveis riscos que precisam ser bem conhecidos. Sublinha-se que algumas entidades dessa linha se apresentam como o “povo da rua”, espíritos de moradores e crianças de rua, andarilhos, prostitutas, malandros... E nessa linha situam-se conhecidamente os exus, entidades moradoras do reino da escuridão, que por sua vez revelam os pontos verdadeiros da pessoa para que ela possa ressituar-se relativamente a si mesma e às suas potencialidades, representando o desconhecido pessoal, e sendo indóceis ao discurso do outro e às tentativas de dominação (CARVALHO, 2019)
Babaçuê	Pará	Culto afro-brasileiro cujos rituais seguem o modelo jeje-nagô, mesclando-se com os ritos e o panteão do candomblé baiano, do candomblé de caboclo, do catimbó nordestino, do xangô pernambucano, da macumba carioca ou paulista, do batuque gaúcho e de outras variantes. (MICHAELIS, 2021)
Terecô	Maranhão	O Tambor da mata ou terecô é uma religião afro-brasileira costumeiramente associada à região de Codó, cidade na região do cerrado maranhense, localizada a 300 km da capital São Luís. Não se restringindo apenas a esse primeiro estado, o terecô também se mostra integrado à prática de outras religiões como o Tambor de Mina e a Umbanda. Além disso, sua prática também originou o babassuê, religião descrita por Mario de Andrade, no ano de 1937. As primeiras manifestações do terecô teriam sido realizadas antes da abolição, quando os escravos das fazendas de algodão de Codó o praticavam secretamente no interior das matas. Com o fim da escravidão, os rituais teriam se deslocado para alguns povoados negros e, na cidade de Codó, às margens da Lagoa do Pajeleiro. Logo depois, foram construídos os primeiros salões onde os descendentes de escravo e outros trabalhadores deram continuidade à religião. Muito ainda se discute sobre a origem etimológica da palavra terecô, que determina o nome desta religião. A imprecisão do significado foi, durante muito tempo, a justificativa para que se acreditasse que o termo tivesse origem onomatopaica. Ou seja, “terecô” seria um termo que faz referência ao barulho dos tambores utilizados no culto. Contudo, hoje também se trabalha que sua origem esteja ligada ao termo “teeleko”, que significa “celebrar ou louvar pelos tambores”. (BRASIL ESCOLA, 2021)

Religião	Região	Bases e crenças
Encantaria	Maranhão Tocantis	No Maranhão o termo encantado é usado nos terreiros de mina, tanto nos fundados por africanos quanto nos mais novos e sincréticos, e nos salões de curadores ou pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos ou sentidos em sonho, ou em vigília por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrasensorial, como alguns preferem denominar. São voduns, gentis (nobres) caboclos e índios que moram em encantarias africanas ou brasileiras e que incorporam em filhos-de-santo. Apesar de totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, os encantados tomam-se "visíveis" quando os médiuns em quem incorporam manifestam alterações de consciência e assumem outra identidade, a de um determinado encantado, o que geralmente ocorre durante a realização de rituais. (FERRETI, 2021)
Tambor de Mina	Maranhão	O Maranhão é conhecido como principal centro de preservação da cultura jeje-dahomeana do Brasil, embora a maioria dos terreiros de mina reproduza principalmente o modelo da Casa de Nagô e não o da Casa das Minas (jeje). A primeira, apesar de tradicionalista e fundada por africanas, distancia-se do candomblé da Bahia e goza de menor prestígio do que a Casa das Minas. Os outros terreiros da capital maranhense que cultuam entidades africanas originaram-se direta ou indiretamente da Casa de Nagô ou de terreiros de outras "nações" já desaparecidos. Os demais terreiros de São Luís foram abertos para entidades espirituais não africanas (caboclas), principalmente por curadores ou pajés, geralmente procurando fugir à discriminação de que eram alvo. Apesar da Casa das Minas não ter autorizado o funcionamento ou reconhecido outra casa mina-jeje, alguns terreiros de mina que também cultuam voduns do Daomé, procuram se legitimar no campo religioso afro-brasileiro afirmando possuir alguma ligação com ela ou com suas fundadoras africanas. (FERRETI, 2021)
Xambá	Pernambuco Alagoas	A Nação Xambá é uma religião afro-brasileira que está quase extinta do país. No entanto, em Olinda, ela permanece viva e terá seus ritos e tradições transmitidos de geração em geração. Em 16 de junho de 1950, Severina Paraíso da Silva, a Mãe Bui, reabriu o terreiro no bairro de Santa Clara. Dez meses após, mudaram-se para o atual endereço, que fica localizado no Portão do Gelo. Mãe Bui foi responsável pelo terreiro por 54 anos. Em 1993, ela faleceu e a Mãe Tila assumiu o cargo de Yalorixá ao lado de Adeildo Paraíso, Babalorixá conhecido como Ivo do Xambá. Os orixás são ancestrais simbolicamente divinizados e manifestam-se em diversas formas na vida cotidiana das pessoas e da cidade. Eles vêm da África negra, na qual diferenciam de um antepassado, que pode ser honrado dentro da própria família, em seu próprio espaço. Os orixás transcendem o círculo familiar e pertencem a um povo, ele é intermediário entre o povo que representa e o Deus supremo. (OFICINA EM JORNALISMO, 2021)
Xangô do Nordeste	Pernambuco	Claramente influenciado pelo sistema divino de ascendência africana, o Xangô de Pernambuco é uma religião marcada pela adoração a vários orixás, santos e deuses ligados à cultura ioruba. Entre as várias entidades adoradas, podemos destacar as devoções prestadas à Iemanjá, Iansã, Orixalá Nana, Ogum, Ode, Exu. Além desses santos, devemos salientar o culto a Orumilá, senhor do jogo de búzios que determina a vontade dos deuses em relação aos homens. Entre as características que diferenciam o Xangô de Pernambuco das outras religiões afro, podemos notar que os deuses não são colocados de uma forma distante ou misteriosa. Cada um dos devotos assume para si a pertença de um determinado santo, chegando ao ponto de assimilar alguns comportamentos, gostos e preferências que são usualmente ligadas à divindade que lhes guia. Temos assim, uma relação de intimidade cercada por ações que extrapolam os limites do lugar de adoração. (BRASIL ESCOLA, 2021)



O CANDOMBLÉ E RESISTÊNCIA AFRO



Foram os escravos importados para o Brasil, ou melhor esclarecendo, chegados à Bahia, os responsáveis diretos pela introdução dos cultos de origem africana em nosso solo. Aqui chegaram eles - os lorubanos - trazendo em suas bagagens variados grupamentos tribais, tais como Ifé, Ifan, Oyó, Ijexá e Keto, todos investidos de radical tradição religiosa.



Apegamos que sempre foram, por consciência própria, na reencarnação, já que acreditavam e acreditam no renascimento da pessoa morta, retomando ao seio da mesma família. (GUILHERMINO, 2015, p. 28)

A comunicação entre o opressor europeu e os negros era marcada na forma da chibata e do ferro quente. Ainda assim, **foi no embalo do toque dos tambores que se ditou o ritmo do crescimento dessa terra chamada Brasil.**

Apesar da ideia de uma raça inferior, implantada pelos europeus e fomentada pela igreja católica a fim de tornar a escravidão uma realidade menos cruel, a mão de obra africana era profundamente especializada, oriunda de um sociedade organizada e promissora. Foi através do conhecimento dos negros que o Brasil cresceu e se fortaleceu em primeiro lugar como colônia e depois como república. Um exemplo disso são as cidades, as minas, as plantações e engenhos e todo tipo de atividade que foi aprimorada ou até instalada pelos negros.

Dentro das senzalas, onde ainda resistia a cultura ancestral dos babalorixás e baba-lão, a fé nos Orixás dividia espaço com as missas e as imagens católicas.

Durante os anos da escravidão, tornar-se católico era uma vantagem. A conversão ao catolicismo transformava o negro, de objeto com valor mercantil, em um ser com alma, um filho de Deus. Ainda assim, segundo Silva (2005), a comparação entre as privações da vida do escravo e os sofrimentos de Cristo era frequentemente utilizada pela igreja para consolar aos negros.

Em paralelo, contam os mais velhos que na Bahia, mais especificamente em Salvador, havia entre os escravos algumas princesas vindas de Oyó e Ketu. Foram essas mulheres que fundaram um dos terreiros mais famosos no Brasil.

Ele se iniciou dentro do engenho de cana. E posteriormente, esse mesmo terreiro, mudou-se para a Barroquinha, onde então se fundou a comunidade de Jeje-Nagô sob o pretexto de construir e reformar a Capela da Confraria de Nossa Senhora da Barroquinha, um edifício que conta com aproximadamente trezentos anos.

Em contrapartida, reforçando a realidade de dominância da cultura europeia, qualquer referência as práticas religiosas iorubanas eram consideradas uma ameaça a sociedade.

Por serem religiões com princípios tribais, onde o sacrifício animal, o transe e o culto aos espíritos ocorrem, desde sua chegada ao Brasil, os cultos de matrizes africanas foram combatidos como demoníacos.

É fato que o culto as divindades africanas são pré-histórico e, portanto, existente muito antes da chegada dos negros nestas terras. Entretanto a forma de culto brasileira é única, afinal o Candomblé e a Umbanda, são brasileiros e ambos nasceram da reunião de diversos negros e suas respectivas etnias.

Durante o período colonial, os negros escondiam seus otás dentro de imagens católicas feitas de madeira. Para realizar seus atos religiosos numa terra diferente e frente a escravidão, os sacerdotes de diferentes cultos e partes da África se uniram

e, seguindo a primícia dos malungos², buscaram pontos de igualdade dentro da sua diversidade.

Assim, no século XIX, nasceu um culto sincretizado, mas que manteve viva parte da cultura e tradição religiosa africana.

Por tantas adaptações tais manifestações religiosas são denominadas afro-brasileiras ou de matriz africana, porém é incorreto nutrir a ideia de que o mesmo culto e rituais praticados na África tenham sido trazidos para o Brasil ou que exista uma prática limpa de influências em terras tupiniquins.

Trindade (2018), afirma que no Rio de Janeiro, por exemplo, até o final da década de 1810, as nações africanas eram diferenciadas também através da sua metodologia de culto, sendo as sudanesas, principalmente os nagôs, com os candomblés; e os bantos, com as cabulas.

São esses mesmos cultos que, mais tarde, dariam forma as nações de candomblé, e, seriam parte dos fundamentos realizados atualmente na Umbanda, já que nos primeiros anos, ao menos no estado do Rio de Janeiro e São Paulo, a grande parte dos terreiros e federações umbandistas tentavam embranquecer suas práticas.

Os espaços de Candomblés servem para a preservação da tradição cultural e religiosa africana, dentro de uma dinâmica social caracterizada pela secularização e avanços industriais, no qual o processo de produção e reprodução social são pautados pelo neoliberalismo e sua perspectiva de formação de novos mercados que para se expandirem necessitam globalizar cada vez mais as diferenças culturais, nesta conjuntura, **os ritos da tradição africana configuram-se como elementos de resistência identitária aos seus integrantes que em maioria são pertencentes a uma população que cotidianamente tem sua autoestima esmagada.**



NOTAS:

02. Malungo quer dizer, na gíria falada pelos negros brasileiros durante a escravidão, "companheiro", pessoa da mesma condição. O escravos que vinham para o Brasil referiam-se aos seus colegas de viagem como "meu malungo", mas o termo foi perdendo essa acepção original a partir de 1850, com o fim do tráfico negreiro, e o paulatino fim dos africanos natos, mas se manteve com o significado de companheiro, indivíduo da mesma laia, parente. Por extensão, malungo também é termo usado para designar os irmãos de criação, ou "colaço". (EDUCALINGO, 2023)



Foi através da religiosidade dessas diversas formas de celebrar o divino que a religião trouxe o que há de mais importante para os africanos submetidos à diáspora, é a **celebração do divino que traz a imagem do território perdido**. Tendo o terreiro uma função importantíssima de recuperar esse território mesmo que de maneira simbólica: através de amuletos, do círculo mágico e outros objetos litúrgicos que carregam referências de seu lugar de origem. (GELEDES, 2021)



Estudos e pesquisas de outros escritores também abalizados os induziram a semelhantes conclusões sobre o poderio e a civilização da antiga raça negra, quando reconhecem que os seus sacerdotes possuíram uma ciência e conhecimentos profundos, que, dentro da própria tradição iniciática da raça, foram-se apagando, de geração em geração, restando apenas, mesmo entre os remanescentes desse sacerdócio, pálidos reflexos daqueles princípios que, por certo, ficaram soterrados na poeira dos seus primitivos templos religiosos do Alto Egito e da lendária Índia.



De geração em geração, a palavra transmite a história dos primórdios da raça. Nisto os negros seguem o princípio iniciático. **A tradição somente pode ser difundida através da palavra, isto é, “Dos lábios do Mestre para os ouvidos do adepto”.**

No entanto, da pureza original dos cultos africanos, ou seja, da primitiva religião da raça negra, pouco ou quase nada resta. Não estamos nos referindo às interpretações mitológicas que seus sacerdotes e iniciados espalhavam na concepção do povo, adequadas às suas tendências fetichistas, mas que, mesmo assim, conservavam um sentido mais real daqueles mesmos princípios herdados da Religião Original [...]

“Historicamente, duas ações contraditórias agiram sobre os negros escravizados do Brasil: por um lado, os navios traziam indistintamente membros das mais diversas tribos, daí uma solidariedade nova, a do sofrimento suportado em comum, substituindo-se assim, à comunhão clânica (a famosa sociedade dos negros que faziam parte da mesma carga); a escravidão, em seguida, concluiu a esse trabalho de destribalização, disseminando as famílias ao acaso das necessidades agrícolas, nas fazendas dispersas. Por outro lado, foi política dos governadores e do clero, para impedir uma revolta geral da mão-de-obra servil, para destruir a solidariedade de todos os homens de cor, quer nas festas profanas, quer por meio de confrarias religiosas, manter unidas as “nações” separadas e hostis. Desse duplo movimento, resultou de um lado, **o sincretismo religioso entre os cultos “Yorubá” e “dahomeano”;** a assimilação dos bantos à mitologia “nagô-gêge”, e de outro lado, o fato de **o candomblé atual continuar a ser, em grande parte, um candomblé étnico.**

E mais adiante, continua: “Cada um desses candomblés tem sua vida própria, sua história e seu espírito. Não são apenas os dos Bantos que se distinguem dos “gêge-nagô” por serem mais espetaculares, ter música mais alegre, ao mesmo tempo mais leve e mais entusiasta, enquanto os terreiros dos Guineanos são mais tradicionais, mais fiéis à sua cultura nativa, mais nostalgicamente voltadas para a África; é verdade que sua música é menos festiva, mas ela, por sua vez, tem qualquer coisa de pesado, de arrastado e, às vezes mesmo, de surdo. (SILVA, 1974)



SINCRETISMO RELIGIOSO

Sendo praticado desde a chegada dos negros no Brasil, **o sincretismo religioso foi a saída encontrada pelos escravos para garantir a sua sobrevivência e ainda assim, manter viva sua cultura e fé nos Orixás.**

Ao compreender as lendas que descrevem a presença dos Orixás em nosso meio,

entendemos também que mais do que simplesmente crer, a fé pertencente a sociedade africana é parte da sua identidade quanto povo.



[...] Nos séculos de escravidão, a única identidade cabível ao negro era sua religiosidade, que manteve acesa a chama de um dia poder voltar à sua terra natal. (MARTINS, 2011, p. 77)

A negritude e suas marcas sociais precisavam ser combatidas, ao menos aos olhos de alguns intelectuais e políticos.

Baseando-se no eurocentrismo, na codificação linguística e nas percepções desses produtores de conhecimento (historiadores, jornalistas, pesquisadores etc.), fica claro que, aos poucos, as culturas não europeias deixam de existir como movimento e contribuição social. Hora por uma questão de afinidade, ou seja, o que era um fenômeno cultural nem ao menos chega a ser notado ou é descrito de forma errônea; hora incredulidade ou falta de interesse.

Jornais e folhetins do período de 1900 tiveram suas páginas preenchidas com os piores relatos sobre a prática das religiões de matrizes africanas, associando as “macumbas cariocas” a: assassinatos, loucuras, doenças, falta de saneamento e higiene, sequestros e todo tipo de coisa que afaste o homem as práticas cristãs. Por exemplo, o periódico A Cruz (RJ), 1943, de junho de 1954 publicou que: [...] oitenta por cento dos loucos que lotam os manicômios e se espalham pelas ruas desta cidade (Rio de Janeiro) perderam o juízo nas tendas do baixo espiritismo.

Perante este cenário caótico, no qual a feitiçaria é uma praga a ser combatida, a Umbanda surge como uma prática mais organizada e elitizada para se comunicar com os espíritos, sendo estes, na maioria das vezes os mesmos que se manifestavam nas macumbas cariocas, nas benzedeadas ou curandeiros e em todo tipo de culto que abarrotava os morros cariocas.

O sincretismo, comum nos templos de Umbanda, por sua vez, ora era considerado uma afronta a Igreja Católica, ora como uma campanha de marketing a fim de alcançar mais adeptos.

A dominação cultural e religiosa iniciada pelos jesuítas no período colonial no Brasil tinha um propósito maior do que a religião, ele foi uma ação social e política.

Segundo Costa (2010) o negro, quanto escravo, assimilou as semelhanças entre as histórias e elementos dos Santos Católicos e os Orixás e por falta de alternativa melhor, visando garantir a sobrevivência de sua religiosidade passaram a cultuar as imagens católicas depositando nela a fé de seus deuses. O sincretis-





mo se tornou tão forte que hoje é presença marcante, podendo ainda ser reconhecido o Orixá pelo seu nome original ou católico, como por exemplo: Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes.

A Umbanda nasceu com os Santos Católicos e o sincretismo com os Orixás foi trazido gradativamente pelo elemento negro oriundo dos cultos africanos.

SANTO	DIA ALUSIVO	ORIXÁ
Jesus Cristo	25 de dezembro	Oxalá
Menino Jesus de Praga	25 de dezembro	Oxalá Menino
Nossa senhora Santana	26 de julho	Nanã
São Miguel Arcanjo	29 de setembro	Padroeiro de Almas e Angola
São Jerônimo	30 de setembro	Xangô Airá
São João Batista	25 de junho	Xangô Alafim
São Paulo	29 de junho	Xangô Aganju
São Pedro	29 de junho	Xangô Agodô
N. Senhora dos Navegantes	2 fevereiro	Iemanjá
São Jorge	23 de abril	Ogum
Santa Bárbara	4 de dezembro	Iansã
Santa Catarina	25 de novembro	Iansã
São Sebastião	20 de janeiro	Oxóssi
N. Senhora da Conceição	8 de dezembro	Oxum
São Lázaro	17 de dezembro	Obaluaê
São Roque	16 de agosto	Omolu
São Cosme e Damião	27 de setembro	Ibeji
São Crispim e São Crispiniano	25 de outubro	Ibeji
Santo Antônio	13 de junho	Exu
Negros e Escravos	13 de maio	Pretos Velhos

(Fonte: MARTINS, 2011)



Existem muitas formas de manifestação da religiosidade. Há pessoas que não acreditam em divindades, mas há também aqueles que creem na existência de muitos deuses. A questão religiosa é bastante individual para cada pessoa.

O Brasil é caracterizado pelo sincretismo religioso, especialmente pela confluência entre as religiões Cristã (Catolicismo), africanas e as tradições indígenas. Somando-se a isso também as demais religiões que vieram posteriormente com outros povos. (ESTUDO PRÁTICO, 2021)

A prática do sincretismo trouxe uma ressignificação do orixá Oxalá para a Umbanda e esse é um ponto de relevância quanto as atividades dentro dos terreiros.

Segundo Ligério 2013, na África Oxalá teria o mesmo nível hierárquico dos demais orixás, porém ao chegar no Brasil e ser sincretizado com Jesus Cristo, ele ganha lugar de destaque.



Na Nigéria, Oxalá é um dos três avatares de Obatalá, ao lado de Oxalufã e Oxa-guian quem a princípio, seriam entidades independentes, e não apenas “qualidades” de Oxalá como no Brasil. Aqui, Oxalá foi levado ao mesmo nível hierárquico de Obatalá, que na África era seu superior. (LIGÉRIO, 2013, p. 128)

Essa nova posição torna a incorporação de Oxalá algo mal visto entre os mais tradicionais e o eleva de uma divindade para um ser supremo e criador.

Uma informação bastante interessante sobre o sincretismo é que o mesmo orixá é sincretizado por santos diferentes em diferentes regiões do Brasil. E ao estudar o tema mais profundamente é possível reconhecer o sincretismo entre quase todas as religiões do mundo.



OS ORIXÁS E A NATUREZA

A Umbanda reconhece os Orixás como emanções divinas de um ser Supremo e criador de tudo e todos. Essa visão de um poder dividido sobre as próprias criações e, portanto, a existência de pontos de força naturais que podem nos ligar a essa energia criadora, é compartilhada dentre muitas religiões, principalmente aquelas consideradas pagãs.

De todas as verdades que já li sobre a Umbanda, duas creio serem universais dentro

de sua variedade de rituais: a umbanda é fundamentalmente naturalista (manifesta-se através das forças da natureza) e atua na vibração das almas, ou seja, espíritos contemporâneos que através dela atuam de forma direta dentro dos terreiros.



Sempre havia um Deus supremo, superior a todos os deuses. Mas estes eram os concretizadores da criação e aplicadores dos poderes deste Ser supremo na vida dos seres (geográfica e climática).

Oras! Se analisarmos as divindades (os Orixás) a partir da natureza, nós os encontramos nos próprios processos genésicos ou criadores de Deus, fato este que justifica os cultos nos santuários naturais (rios, mar, pedreiras, tempo, etc.). Tudo o que há de visível na criação de Deus é a concretização ou materialização do que não podemos ver, pois existe em uma dimensão e realidade anterior ao nosso plano material. (SARACENI, 2019, p. 31 e 32)

Abaixo uma breve associação dos orixás e seus pontos de atuação na natureza. Mas vale lembrar que esses pontos se tornam mais específicos, quando trata-se da qualidade e Orixá. Tema este que só será abordado mais adiante.

ORIXÁ	ELEMENTOS	DOMÍNIOS
Exú	Terra / Fogo	Sexo / Magia / União / Poder / Comunicação / Transformação
Oxalá	Ar	Criação / Vida e Morte / Poder de Procriação Masculina
Iemanjá	Água	Inteligência / Maternidade / Saúde Psicológica e Metal
Oxóssi	Terra	Caça / Agricultura / Alimentação / Fartura
Oxum	Água	Amor / Riqueza / Fecundidade / Gestação / Maternidade
Xangô	Fogo / Rochas	Justiça / Reinado / Política
Iansã	Ar / Fogo	Tempestades / Ventanias / Raios / Morte
Ogum	Terra / Fogo	Guerra / Progresso / Conquista / Metalurgia
Obá	Fogo / Água	Amor / Sucesso Profissional
Logunedé	Água / Terra	Riqueza / Fartura / Beleza
Ibejis	Ar / Água	Nascimento / Infancia
Ossaim	Terra	Medicina / Liturgias Religiosas
Ewá	Terra / Ar	Beleza / Vidência / Criatividade / Sexto Sentido
Oxumaré	Céu / Terra	Riqueza / Longividade / Ciclos / Movimentos / Rotina
Obaluaê	Terra / Fogo	Doenças / Epidemias / Saúde / Vida e Morte
Nanã	Terra / Água	Vida e Morte / Saúde / Maternidade
Iroko	Terra	Ancestralidade

Analisando o quadro anterior é possível concluir que para reconhecer um ponto de força do Orixá, é preciso reconhecer sua essência, suas lendas e seu domínio de atuação. Somente a partir desse processo que se torna possível compreender a relação da divindade com a força da natureza e portanto a sua natureza atuando na vida dos seres que neste planeta vivem.

ORIXÁ	ELEMENTOS	DOMÍNIOS
Exú	Terra e fogo em movimento	Chamas de fogo / Terrenos / Estradas / Centro da Terra
Oxalá	Ar em movimento	Universo / Céu (Alá) / Princípio e Fim de Tudo
Iemanjá	Água que cura	Águas em Movimento / Rios / Mares
Oxóssi	Terra que alimenta	Floresta com animais e rios / Campos Agrários
Oxum	Água em movimento	Rios e suas pedras / Cachoeiras
Xangô	Minério e fogo ardente	Pedreiras / Tribunais / Reinados / Fogueiras
Iansã	Ar e fogo consumidos	Tempestades / Bambuzais / Chamas de fogo
Ogum	Terra e fogo em movimento	Guerras / Estradas / Indústrias
Obá	Água e fogo em equilíbrio	Guerras / Paixões
Logunedé	Água e terra em equilíbrio	Floresta com animais e rios / Rios e suas pedras
Ibejis	Ar e água em movimento	Praças / Escolas Infantis/ Campo Aberto / Nascentes
Ossaim	Terra gerando vida	Folhas / Copa das Árvores
Ewá	Terra e ar em movimento	Constelações / Nascentes / Arco-íris
Oxumaré	Céu e Terra em equilíbrio	Rios e suas pedras / Arco-íris / Universo
Obaluaê	Terra e fogo em movimento	Terrenos / Cemitérios / Hospitais / Necrotérios
Naná	Terra e água em movimento	Lagoas e Lagos / Cemitérios / Mangues / Barro
Iroko	Terra gerando segurança	Raízes de árvores antigas



Por ser Ifé considerada a capital mítica dessa cultura, segue abaixo a lenda baseada em seus conhecimentos:



COSMOGONIA: O MITO DA CRIAÇÃO DO MUNDO

Segundo o Mundo Afro (2021) cosmogonia é a explicação que as religiões, culturas e até mesmo a ciência – teoria do “Big Bang” – dão para esclarecer a origem do universo. Ter o conhecimento sobre tal tema dentro da rua religiosidade é uma forma de compreender as bases e diretrizes das práticas em crenças dentro da religião.

A Umbanda, por se tratar uma fé sincrética acaba absorvendo mais de uma cosmogonia, dividindo e confundindo aos seus adeptos, pois em diversos pontos, suas bases religiosas se chocam, o que acaba se refletindo quando o tema é compreender os rituais, dogmas e origens da fé em ação.

Sendo assim, segue para conhecimento e futuro comparativo as principais cosmogonia que compõe a fé na Umbanda:

Assim como em qualquer cultura, na mitologia iorubana existe uma teoria para a criação mística do mundo. Considerando que se trata de uma cultura oral e que o conhecimento adquirido era passado através dos Itans é compreensível haver certa diferença entre os personagens que compõe tais lendas, conforme a localização das informações coletadas.



A CRIAÇÃO DO MUNDO



O grande Deus da criação é Olodumare (Olódùnmàrè), ou Olorun (Olòòrun – Senhor do Céu). Olorun é o Deus supremo, que age acima dos demais Orixás. Por essa razão, inclusive, o Candomblé é uma Religião monoteísta (acredita em um Deus único).

NO MOMENTO ANTERIOR À CRIAÇÃO, TUDO QUE EXISTIA ERA UMA MASSA DE AR INFINITA. TAL MASSA ERA O PRÓPRIO OLORUN.

ALÉM DO PRÓPRIO OLORUN, SÓ EXISTIAM OS ORIXÁS PRIMORDIAIS ANTES DA CRIAÇÃO DO MUNDO. ESTES ERAM OS ORIXÁS DO BRANCO (ÒRISÀ-FUNFUN). ESSAS DIVINDADES OCUPAVAM O ÀWOSÙN DÀRA (A MORADA DE OLORUN, OU A MORADA DO JUSTO).

AO MOVER-SE LENTAMENTE E AO RESPIRAR, OLORUN DEU ORIGEM À ÁGUA. DA RELAÇÃO ENTRE A ÁGUA E O AR, CRIOU ORIXANLÁ (ÒRISÀLÁ), OU (ÒSÀLÁ) O GRANDE DEUS BRANCO, CONHECIDO TAMBÉM PELO NOME DE OBATALÁ (OBÀTÁLÀ).

NO MOVIMENTO CONSTANTE DE ÁGUA E AR, PARTE DESTA MATÉRIA SOLIDIFICA-SE DANDO

ORIGEM A UM MONTE DE TERRA AVERMELHADA, A QUAL OLORUN SOPROU SE HÁLITO (ÈMÍ) E TAMBÉM O AR DIVINO (ÒFURUFÚ) PARA QUE NASCESSE EXU IANGUI (ÈSÚ YANGÍ), A PRIMEIRA FORMA VIVA E INDIVIDUALIZADA DO UNIVERSO.

DA RELAÇÃO ENTRE O AR E A TERRA, PASSA A EXISTIR ODUDUA (ODÚDUWÀ).

OLORUN DECIDE ENTÃO CRIAR O MUNDO PARA OS NOVOS SERES. PARA TAL, CONVOCOU OXALÁ E A ELE ENTREGOU O SACO DA EXISTÊNCIA (ÀPÒ-IWÀ).

O DEUS SUPREMO, CONHECENDO TODAS AS COISAS, ADVERTIU OXALÁ, SEU PRIMOGÊNITO, A PROCURAR ORUNMILÁ (O SENHOR DA SABEDORIA E DO DESTINO) A FIM DE QUE ESTE LHE DESSE AS ORIENTAÇÕES PARA OBTER ÊXITO NA INCUMBÊNCIA.

OXALÁ SEGUIU O CONSELHO E FOI ATÉ ORUNMILÁ, O GRANDE OLUWÒ. ESTE CONSULTOU O ROSÁRIO DE IFÁ E APARECEU EJIÓGBE, O PRIMEIRO DOS 16 ODUS. ORUNMILÁ ENTÃO DISSE QUE OXALÁ TERIA MUITAS DIFICULDADES E QUE ESTARIA SENDO TESTADO POR OLORUN. RECOMENDOU QUE ANTES DE PARTIR, OXALÁ FIZESSE UMA OFERENDA A EXU CONTENDO UMA CORRENTE DE DOIS MIL ELOS, 5 GALINHAS DE CINCO DEDOS EM CADA PÉ, CINCO POMBOS E UM CAMALEÃO. ADVERTIU-O TAMBÉM A NÃO INGERIR BEBIDA ALCOÓLICA ATÉ A CONCLUSÃO DO TRABALHO.

OXALÁ, NO ENTANTO, MOVIDO POR SUA VAIDADE E PREPOTÊNCIA, CONTESTOU ORUNMILÁ. QUESTIONOU O DIAGNÓSTICO DO SÁBIO, ALEGANDO QUE ELE (OXALÁ) SERIA MAIS IMPORTANTE E MAIS VELHO QUE EXU, RAZÃO PELA QUAL SE EXU QUISESSE ALGO, QUE FOSSE ATRÁS DE OXALÁ NA MISSÃO.

OXALÁ FOI TEIMOSO, POIS ESQUECEU QUE ORUNMILÁ NÃO SE EQUIVOCA. FOI PREPOTENTE, POR PENSAR SER MAIS IMPORTANTE QUE EXU. FOI ARROGANTE POR ESPERAR QUE ORUNMILÁ DEVESSE EXPLICAR O DESTINO A QUALQUER UM. DEVERIA SABER QUE NINGUÉM PODE VER O ROSTO DE ORUNMILÁ, ASSIM COMO NÃO PODE CONHECER AS RAZÕES DO DESTINO.

OXALÁ FOI TAMBÉM NEGLIGENTE. DESDENHOU DA PREDIÇÃO E PARTIU NO CUMPRIMENTO DA MISSÃO, SEM ATENDER AS PREDIÇÕES.

NO PERCURSO, DEPAROU-SE COM ODUDUA E O CONVIDA PARA A EMPREITADA. CONTUDO, ODUDUA RECUSA-SE A ACOMPANHAR OXALÁ, POIS ESTE NÃO TERIA CUMPRIDO AS RECOMENDAÇÕES DO ORÁCULO, NEM TAMPOUCO REALIZADO AS OBRIGAÇÕES RITUAIS NECESSÁRIAS À TAREFA.

TEIMOSO, OXALÁ NÃO DEU OUVIDOS A ODUDUA E SEGUIU SOZINHO, ATÉ ENCONTRAR EXU NA VIA (ÒNA-ÒRUN). ESTE, JÁ EMPOSSADO COMO OLONAN (SENHOR DOS CAMINHOS), PERGUNTOU A OXALÁ SE O ORIXÁ BRANCO HAVIA FEITO AS OFERENDAS PARA A JORNADA. OXALÁ, ESBANJANDO SUPERIORIDADE, NÃO DEU ATENÇÃO A EXU; REUNIU OS ORIXÁS QUE LHE AUXILIARIAM NA TAREFA (OLÚFÓN, ETEKO, OLÚOROGBO, OLÚWOFIN, ÓGIYÁN E OS DEMAIS ORIXÁS FUNFUN) E SEGUIU ADIANTE.

IRADO, EXU RESOLVE SE VINGAR DE OXALÁ.

OXALÁ, AO LONGO DA VIAGEM, DESACOSTUMADO NAQUELE AMBIENTE INÓSPITO, SENTIU MUITA SEDE. PAROU AO PÉ DE UMA PALMEIRA DE DENDÊ (IGÍ-ÒPE), E FINÇOU SEU CAJADO (ÒPÁ-SÓRÒ) NO TRONÇO PARA SORVER A SEIVA REFRESCANTE, O CHAMADO VINHO DE PALMA (EMUN). PORÉM, COMO A BEBIDA É FERMENTADA, POSSUI ALTO TEOR ALCOÓLICO E OXALÁ ACABOU ADORMECENDO.

OS ORIXÁS QUE ACOMPANHAVAM OXALÁ FICARAM ATÔNITOS, POIS NÃO CONSEGUAM ACORDAR O LÍDER. EXU ENTÃO PEGOU O SACO DA CRIAÇÃO E O LEVOU DE VOLTA AS MÃOS DE OLORUN, ATESTANDO A FALHA DE OXALÁ.

OLORUN CHAMOU ODUDUA DEU-LHE UMA PEQUENA CABAÇA CONTENDO TERRA E PEDIU QUE ESTA FOSSE REALIZAR A INCUMBÊNCIA ANTES CONFERIDA A OXALÁ, QUE HAVIA FALHADO NA MISSÃO. O DEUS SUPREMO MOSTROU A ODUDUA O LUGAR DETERMINADO PARA A CRIAÇÃO DO MUNDO.

MAIS PRUDENTE, ANTES DE INICIAR SUA MARCHA, ODUDUA FOI A ORUNMILÁ. O SENHOR DA SABEDORIA CONSULTOU IFÁ E VIU OYEKU MEJI, O SEGUNDO ODU NO SISTEMA DE IFÁ, QUE É A CONTRA-PARTE DE EJIÓBE (O 10º SIGNO).

ORUNMILÁ ORIENTOU ODUDUA A FAZER O MESMO EBÓ ANTES PRESCRITO A OXALÁ.

ODUDUA ATENDEU E OFERECEU A EXU A CORRENTE DE DOIS MIL ELOS, AS CINCO GALINHAS DE CINCO DEDOS, OS CINCO POMBOS E O CAMALEÃO.

EXU, MOSTRANDO A GENEROSIDADE QUE TEM COM AQUELES QUE LHE RESPEITAM, RETIROU UM ELO DA CORRENTE E O PÔS NO BRAÇO (DE ONDE JAMAIS RETIRARIA PARA MOSTRAR SUA LIGAÇÃO COM A GÊNESE). DEVOLVEU A ODUDUA O RESTANTE DA CORRENTE E AINDA 1 GALINHA, 1 POMBO E O CAMALEÃO, AVISANDO-LHE QUE TAIS MATERIAIS SERIAM MUITO ÚTEIS À CRIAÇÃO DO MUNDO.

E ODUDUA PARTIU NA EXPEDIÇÃO. CHEGANDO DIANTE DO PILAR QUE UNE O ORUN AO AIYE (ÒPÓ-ÓRUN-OÚN-ÀIYÉ), LANÇOU A CADEIA DE DOIS MIL ELOS E DESCEU ATÉ O PONTO EXATO DA CRIAÇÃO DO MUNDO (ÒRUN ÀKÀXÒ). EM SEGUIDA, AINDA PENDURADO, JOGOU A TERRA E MANDOU QUE A GALINHA DE CINCO DEDOS A ESPALHASSE; DETERMINOU QUE O POMBO A SEMEASSE E FEZ COM QUE O CAMALEÃO, COM SUA PRUDÊNCIA, COLOCASSE PÉ ANTE PÉ E FOSSE VERIFICAR SE A TERRA ESTAVA SEGURA E FIRME. AÍ SIM ODUDUA PISOU NO MUNDO. SUA PRIMEIRA PEGADA É CHAMADA DE ESÈ NTAIYÉ ODÙDUÀ.

ODUDUA FUNDOU DESTA FORMA A CIDADE DE ILÉ-IFÈ, O BERÇO DA CIVILIZAÇÃO YORUBÁ, QUE



SE ESPALHOU PARA O RESTO DO MUNDO.

SÓ DEPOIS DISSO OXALÁ DESPERTOU. OLORUN DELEGOU A ELE A TAREFA DE CRIAR OS SERES VIVOS. E OXALÁ CRIOU OS HOMENS, AS MULHERES, AS ÁRVORES, OS PEIXES E TUDO QUE HABITA A TERRA.

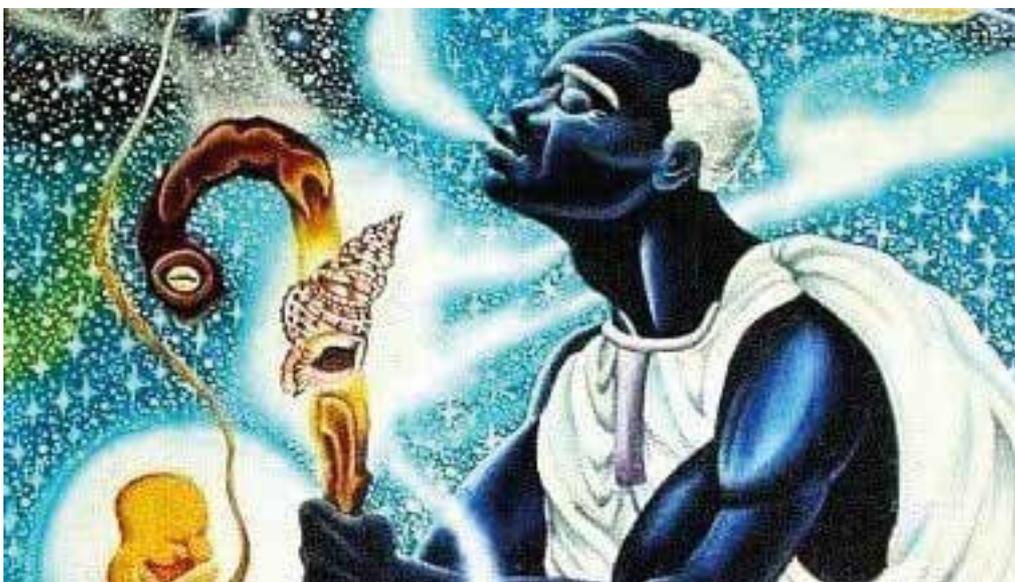
MAS ENTRE OXALÁ E ODUDUA SURTIU UMA RIXA. OLORUN, COM SUA SABEDORIA, FEZ MOSTRAR QUE OS DOIS ERAM DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA PARA A CRIAÇÃO E A SOBREVIVÊNCIA DO MUNDO DEPENDERIA DA HARMONIA DE AMBOS.

OLORUN OS CONVENÇEU ASSIM A CELEBRAR UM ACORDO (ODÙ IFÁ ÌWÒRÌ-ÒBÈRÈ) E CHAMOU OXALÁ PARA SENTAR-SE À SUA DIREITA (ÒTUN) E ODUDUA PARA SENTAR-SE À SUA ESQUERDA (ÒSÌ). INSTITUIU ASSIM A POSSIBILIDADE DE EQUILÍBRIO E DE CONVIVÊNCIA HARMÔNICA ENTRE AS DUAS FORÇAS.

ATÉ HOJE OS YORUBÁS COMEMORAM O DIA DO ACORDO ATRAVÉS DE UM GRANDE FESTEJO ANUAL (ODODÚN SISE), CELEBRANDO A UNIÃO QUE PERMITIU A SOBREVIVÊNCIA DO UNIVERSO E DA VIDA.

TODA ESTA EPOPEIA DUROU APENAS QUATRO DIAS. PARA REPRESENTAR A GÊNESE E O ÚTERO PRIMORDIAL, OS YORUBÁS UTILIZARAM O IGBÁ-ODÙ (OU IGBÁDÙ): UMA CABAÇA PINTADA DE BRANCO, CORTADA HORIZONTALMENTE AO MEIO EM DUAS METADES QUE DEVEM MANTER-SE SEMPRE UNIDAS, CONTENDO EM SEU INTERIOR QUATRO PEQUENOS RECIPIENTES DE CASCA DE NOZ DO COÇO CORTADO AO MEIO CONTENDO, CADA QUAL, COM UM ELEMENTO QUE SIMBOLIZA OS TRÊS SANGUES DO AXÉ: O EFUN (BRANCO), O OSÚN (VERMELHO), O CARVÃO (PRETO) E AINDA LAMA (MATÉRIA-PRIMA DO HOMEM). ESSES ELEMENTOS SIGNIFICAM TAMBÉM OS QUATRO ODUS PRINCIPAIS: EJI ÓGBÉ, ÒYÈKÚN MEJI, IBARA MEJI E EDÍ MEJI. SEPARAR AS DUAS METADES DE IGBADU, SIGNIFICA A PRÓPRIA DESTRUIÇÃO DO MUNDO.

A PARTE DE CIMA DE IGBADU REPRESENTA OXALÁ, E A PARTE DE BAIXO, ODUDUA.





ORUN E AIYÊ SÃO SEPARADOS



NESTA ÉPOCA, O ORUN (ÒRUN), O CÉU, NÃO ERA SEPARADO DO AIYÊ (ÀIYÉ), O MUNDO, E HOMENS E DEUSES TRANSITAVAM LIVREMENTE ENTRE OS DOIS MUNDOS.

HAVIA UM CAMPONÊS QUE MORAVA EXATAMENTE NO LIMITE ENTRE O ORUN E O AIYE. A MULHER DELE ERA ESTÉRIL. ESTE HOMEM ROGOU MUITO A OXALÁ QUE A MULHER DELE PUDESSE PARIR. OXALÁ O ATENDEU E A MULHER DO CAMPONÊS DEU À LUZ A UM MENINO. CONTUDO, OXALÁ DECRETOU COMO INTERDITO QUE AQUELE MENINO JAMAIS DEVERIA ULTRAPASSAR OS LIMITES DA TERRA, NUNCA PODENDO IR AO ORUN.

O CAMPONÊS ENSINOU A PROIBIÇÃO AO MENINO E TOMAVA TODOS OS CUIDADOS PARA QUE O GAROTO NUNCA CONHECESSE O CAMINHO QUE LIGAVA OS DOIS MUNDOS.

MAS A CURIOSIDADE E A REBELDIA FORAM MAIORES. CERTO DIA, O PAI TERIA QUE ENTREGAR UMAS SEMENTES NO ORUN. ENCHEU UM SACO, O PÔS NAS COSTAS E COMEÇOU A TRAJETÓRIA. O MENINO ESPERTO FEZ UM PEQUENO FURO NO SACO DE SEMENTES E ASSIM FICOU CONHECENDO O CAMINHO DO ORUN AO AIYE.

NO DIA SEGUINTE, SEGUIU O RASTRO E CHEGOU AO ORUN. NÃO SÓ DESCUMPRIU O INTERDITO, COMO DESAFIOU OS DEUSES, SE DIZENDO MAIS ESPERTO E CONTANDO VANTAGEM.

OXALÁ FICOU IRADO, PEGOU SEU CAJADO E NAQUELE MOMENTO SEPAROU O ORUN DO AIYE. LIMITOU ASSIM O ESPAÇO DOS HOMENS E DOS DEUSES, IMPONDO UMA NOVA ORDEM E UMA NOVA RELAÇÃO ENTRE HOMENS E AS DIVINDADES.

ENTRE O ORUN E AIYE FORMOU-SE UM VÃO, QUE FOI PREENCHIDO PELO SOPRO DE OLORUN, DANDO ORIGEM À ATMOSFERA (SÁNMO). ESTE VÃO POSSUI NOVE ESPAÇOS, SENDO QUATRO SUPERIORES E QUATRO INFERIORES, POSTANDO-SE A TERRA NO ESPAÇO CENTRAL.

O MENINO TRANSGRESSOR CHAMAVA-SE EXU. EXU FOI AQUELE CAPAZ DE CRIAR O CAOS E RECRIAR A ORDEM UNIVERSAL.



Sendo o Catolicismo uma das principais influências da Umbanda, segue agora a cosmogonia cristã sobre a criação do mundo.



GENESIS 1 E 2: 1 -3 - O COMEÇO



NO PRINCÍPIO DEUS CRIOU OS CÉUS E A TERRA.

ERA A TERRA SEM FORMA E VAZIA; TREVAS COBRIAM A FACE DO ABISMO, E O ESPÍRITO DE DEUS SE MOVIA SOBRE A FACE DAS ÁGUAS.

DISSE DEUS: "HAJA LUZ", E HOVE LUZ.

DEUS VIU QUE A LUZ ERA BOA, E SEPAROU A LUZ DAS TREVAS.

DEUS CHAMOU À LUZ DIA, E ÀS TREVAS CHAMOU NOITE. PASSARAM-SE A TARDE E A MANHÃ; ESSE FOI O PRIMEIRO DIA.

DEPOIS DISSE DEUS: "HAJA ENTRE AS ÁGUAS UM FIRMAMENTO QUE SEPRE ÁGUAS DE ÁGUAS".

ENTÃO DEUS FEZ O FIRMAMENTO E SEPAROU AS ÁGUAS QUE FICARAM ABAIXO DO FIRMAMENTO DAS QUE FICARAM POR CIMA. E ASSIM FOI.

AO FIRMAMENTO, DEUS CHAMOU CÉU. PASSARAM-SE A TARDE E A MANHÃ; ESSE FOI O SEGUNDO DIA.

E DISSE DEUS: "AJUNTEM-SE NUM SÓ LUGAR AS ÁGUAS QUE ESTÃO DEBAIXO DO CÉU, E APAREÇA A PARTE SECA". E ASSIM FOI.

À PARTE SECA DEUS CHAMOU TERRA, E CHAMOU MARES AO CONJUNTO DAS ÁGUAS. E DEUS VIU QUE FICOU BOM.

ENTÃO DISSE DEUS: "CUBRA-SE A TERRA DE VEGETAÇÃO: PLANTAS QUE DEEM SEMENTES E ÁRVORES CUJOS FRUTOS PRODUZAM SEMENTES DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES". E ASSIM FOI.

A TERRA FEZ BROTAR A VEGETAÇÃO: PLANTAS QUE DÃO SEMENTES DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES, E ÁRVORES CUJOS FRUTOS PRODUZEM SEMENTES DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES. E DEUS VIU QUE FICOU BOM.

PASSARAM-SE A TARDE E A MANHÃ; ESSE FOI O TERCEIRO DIA.

DISSE DEUS: "HAJA LUMINARES NO FIRMAMENTO DO CÉU PARA SEPARAR O DIA DA NOITE. SIRVAM ELES DE SINAIS PARA MARCAR ESTAÇÕES, DIAS E ANOS, E SIRVAM DE LUMINARES NO FIRMAMENTO DO CÉU PARA ILUMINAR A TERRA". E ASSIM FOI.



DEUS FEZ OS DOIS GRANDES LUMINARES: O MAIOR PARA GOVERNAR O DIA E O MENOR PARA GOVERNAR A NOITE; FEZ TAMBÉM AS ESTRELAS.

DEUS OS COLOCOU NO FIRMAMENTO DO CÉU PARA ILUMINAR A TERRA, GOVERNAR O DIA E A NOITE, E SEPARAR A LUZ DAS TREVAS. E DEUS VIU QUE FICOU BOM.

PASSARAM-SE A TARDE E A MANHÃ; ESSE FOI O QUARTO DIA.

DISSE TAMBÉM DEUS: "ENCHAM-SE AS ÁGUAS DE SERES VIVOS, E VOEM AS AVES SOBRE A TERRA, SOB O FIRMAMENTO DO CÉU".

ASSIM DEUS CRIOU OS GRANDES ANIMAIS AQUÁTICOS E OS DEMAIS SERES VIVOS QUE POVOAM AS ÁGUAS, DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES; E TODAS AS AVES, DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES. E DEUS VIU QUE FICOU BOM.

ENTÃO DEUS OS ABENÇOOU, DIZENDO: "SEJAM FÉRTEIS E MULTIPLIQUEM-SE! ENCHAM AS ÁGUAS DOS MARES! E MULTIPLIQUEM-SE AS AVES NA TERRA".

PASSARAM-SE A TARDE E A MANHÃ; ESSE FOI O QUINTO DIA.

E DISSE DEUS: "PRODUZA A TERRA SERES VIVOS DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES: REBANHOS DOMÉSTICOS, ANIMAIS SELVAGENS E OS DEMAIS SERES VIVOS DA TERRA, CADA UM DE ACORDO COM A SUA ESPÉCIE". E ASSIM FOI.

DEUS FEZ OS ANIMAIS SELVAGENS DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES, OS REBANHOS DOMÉSTICOS DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES, E OS DEMAIS SERES VIVOS DA TERRA DE ACORDO COM AS SUAS ESPÉCIES. E DEUS VIU QUE FICOU BOM.

ENTÃO DISSE DEUS: "FAÇAMOS O HOMEM À NOSSA IMAGEM, CONFORME A NOSSA SEMELHANÇA. DOMINE ELE SOBRE OS PEIXES DO MAR, SOBRE AS AVES DO CÉU, SOBRE OS GRANDES ANIMAIS DE TODA A TERRA E SOBRE TODOS OS PEQUENOS ANIMAIS QUE SE MOVEM RENTE AO CHÃO".

CRIOU DEUS O HOMEM À SUA IMAGEM, À IMAGEM DE DEUS O CRIOU; HOMEM E MULHER OS CRIOU. DEUS OS ABENÇOOU E LHESS DISSE: "SEJAM FÉRTEIS E MULTIPLIQUEM-SE! ENCHAM E SUBJUGUEM A TERRA! DOMINEM SOBRE OS PEIXES DO MAR, SOBRE AS AVES DO CÉU E SOBRE TODOS OS ANIMAIS QUE SE MOVEM PELA TERRA".

DISSE DEUS: "EIS QUE DOU A VOCÊS TODAS AS PLANTAS QUE NASCEM EM TODA A TERRA E PRODUZEM SEMENTES, E TODAS AS ÁRVORES QUE DÃO FRUTOS COM SEMENTES. ELAS SERVIRÃO DE ALIMENTO PARA VOCÊS.

E DOU TODOS OS VEGETAIS COMO ALIMENTO A TUDO O QUE TEM EM SI FÔLEGO DE VIDA: A TODOS OS GRANDES ANIMAIS DA TERRA, A TODAS AS AVES DO CÉU E A TODAS AS CRIATURAS QUE SE MOVEM RENTE AO CHÃO". E ASSIM FOI.

E DEUS VIU TUDO O QUE HAVIA FEITO, E TUDO HAVIA FICADO MUITO BOM. PASSARAM-SE A

TARDE E A MANHÃ; ESSE FOI O SEXTO DIA.

ASSIM FORAM CONCLUÍDOS OS CÉUS E A TERRA, E TUDO O QUE NELES HÁ.

NO SÉTIMO DIA DEUS JÁ HAVIA CONCLUÍDO A OBRA QUE REALIZARA, E NESSE DIA DESCANSOU.

ABENÇOOU DEUS O SÉTIMO DIA E O SANTIFICOU, PORQUE NELE DESCANSOU DE TODA A OBRA QUE REALIZARA NA CRIAÇÃO.



Talvez a cosmogonia seja o princípio de boa parte das dificuldades apresentadas para o bom relacionamento dos umbandistas. É quase como se para ser umbandista tivéssemos que escolher um lado.

COSMOGONIA IORUBANA	COSMOGONIA CRISTÃ
Olorum pede para Oxalá criar o mundo	Deus é o único ser do universo
Oxalá é o primogênito de Olorum	Cristo passa a existir a partir do novo testamento
Oxalá já atua na terra e tem vícios e defeitos	Cristo não peca, não tem defeitos e é abnegado
Oxalá é enganado por Exu e fica bêbado	Jesus vence Satanás no deserto
Oxalá tem o mesmo nível hierárquico que os outros orixás ou divindades.	Jesus assume o papel de único e evangelizador durante sua participação na bíblia.
O acesso ao mundo místico é liberado e homens vivem em harmonia com o sobrenatural	Deus deve ser temido e não pode ser visto por nenhum homem.

Ao que se refere as crenças e a uma composição ritualística, assim como os dogmas, ritos e padrões morais, a cosmogonia deixa bem claro que é **impossível equilibrar todas as verdades que compõe as Umbandas hoje praticadas no Brasil.**

De acordo com a prática realizada em cada terreiro e sua pré-disposição ao africanismo – kardecismo – catolicismo – pajelança, teremos uma das cosmogonias como diretriz para a crença e prática das ritualísticas pertinentes a esse terreiro e assim, *as demais serão cosmogonias serão subjugadas dentro dessa fé.*



OS ORIXÁS E A UMBANDA

Voltando ao ano de 1908, fala-se de um Brasil no qual a sociedade seguia os moldes europeus, com um sistema republicano de governo em sua fase inicial e que trazia a escravidão e seus preconceitos marcados profundamente nessa cultura.

Portanto, sobre o prisma desta análise, *é compreensível que não houve, ao menos num primeiro momento, um espaço para os Orixás e para a cultura afro-brasileira na Umbanda.*

Zélio de Moraes não teve um orientador “umbandista”. Não teve livros ou amigos para conversar sobre a participação do negro na Umbanda, e como a cultura africana se tornaria parte importante do desenvolvimento dessa religião.

Conforme já vimos anteriormente, existem tantas Umbandas quanto são aqueles que dela precisam como um caminho orientador e por isso, na intenção de proporcionar ao leitor uma vasta visão sobre o tema para que então, este possa fomentar uma teoria de relevância que agregue mais robustez a sua fé, segue algumas das conclusões mais aceitas dentre os umbandistas:



GIOVANI MARTINS UMBANDA DE ALMAS E ANGOLA

O ritual de Almas e Angola, seguindo os passos da Umbanda tradicional, possui uma Trindade Divina, formada por um Deus Maior chamado Olorum ou Zambi, criador do Universo; por divindades denominadas Orixás, que estão representadas no panteão africano e por Entidades espirituais ou Guias, considerados espíritos de luz.

Na categoria de divindades, os Orixás estão divididos atualmente em nove manifestações: Oxalá, Nanã, Xangô, Yemanjá, Oxossi, Oxum, Ogum, Inhasã e Obaluaê.

Segundo Martins (2011) dentro do ritual de Almas e Angola os orixás são divididos em duas categorias, sendo elas:

Orixá Maior: é aquela energia que faz com que a natureza tenha movimento, se transforme e gere vida. É a essência da vida. Para essa escola umbandista o Orixá Maior é pura energia, não tendo nenhum processo de encarnação e, portanto, sendo compreendido como força vital que tem origem em Olorum.

Orixá Menor: entidades espirituais que fazem a mediação entre o ser humano e o Orixá Maior.

Considerando os princípios dogmáticos da Umbanda de Almas e Angola, entendemos que apesar das diferenças na forma de culto, existem alguns pontos que também são encontrados na Casa de Mãe Iemanjá, por exemplo:

- É correto afirmar que em nossa casa existe uma **trindade divina**, e que esta é composta pelos Orixás, Guias e Exu Individual e Guardiões.
- Também é correto afirmar que os Orixás são divindades para as duas escolas.
- Os Orixás na Casa de Mãe Iemanjá também são divididos em duas categorias que podem ser entendidos como **Orixás Maiores e Orixás Menores**, entretanto diferente da Umbanda de Almas e Angola, os Orixás Maiores são aqueles que não atuam diretamente dentro das sete linhas de Umbanda e os Orixás Menores são aqueles que atuam nestas linhas.



TRINDADE DIVINA

Apesar da definição cristã que envolve a palavra trindade, creio que não há forma melhor de definir a dinâmica espiritual que ocorre em nossas vidas e no terreiro.

Segundo o site Dicio.com (2023), a **concepção da trindade foi tirada dos ensinamentos de Cristo que figuram no Novo Testamento**. A crença no Pai, no Filho e no Espírito Santo foi definida pela primeira vez no primeiro dos concílios gerais da Igreja, o Primeiro Concílio de Nicéia, em 325. Esse concílio declarou que o Filho é da mesma substância que o Pai. O mesmo site define trindade como um: **dogma cristão que proclama a crença de que há três pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo, em um único Deus**.

Considerando que a Umbanda é uma religião panenteísta, não é surpresa a presença de alguns conceitos voltados ao cristianismo, ainda que estes sofram uma releitura dentro da prática. Mas como isso funciona na Casa de Mãe Iemanjá?

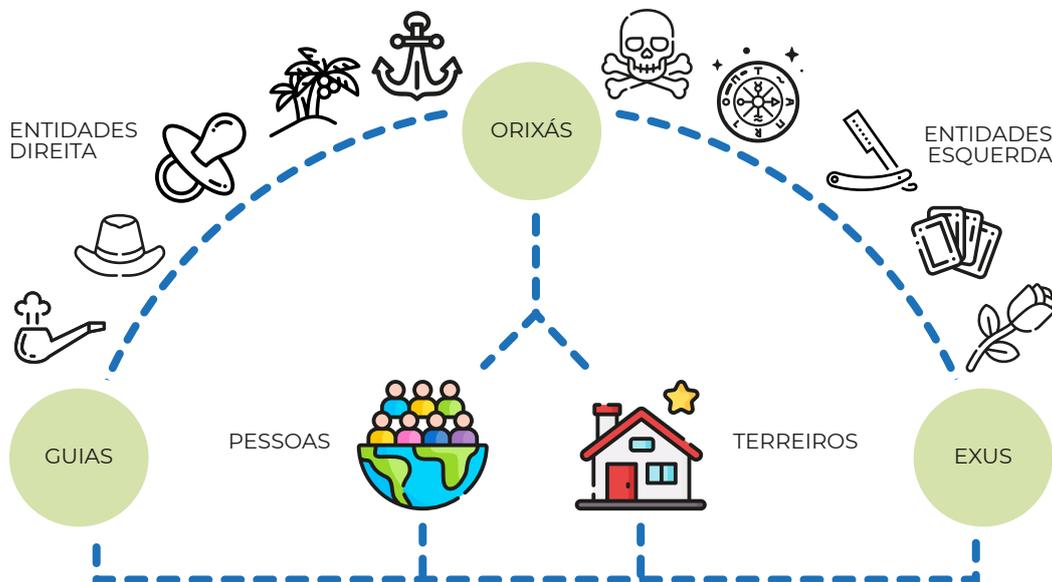
Já compreendemos que **dentro das 7 linhas de Umbanda existe uma movimentação que envolve todos os Orixás** e que tem a finalidade de compor, proteger e auxi-

liar as nossas vivências. Já no que tange as linhas de trabalho da Umbanda, estas são compostas por **entidades que recebem as energias dos Orixás e atuam através dessas energias, por vezes de forma mais direta, em nossas vidas**. Entretanto, para que tudo isso ocorra, precisamos de um grande mensageiro e protetor, nossos guardiões, ou seja Exu.

Seja dentro do terreiro ou em nossa vida pessoa, não é possível um equilíbrio espiritual sem a atuação dessa trindade divina, ela que nos sustenta e nos proporciona a condição de aprendizado e evolução, pois atua como uma balança para o caminhar pessoal e espiritual.

Todo o nosso eledá está profundamente ligado a essa trindade divina, sendo os **Orixás os maiores geradores das energias básicas que compõe a nossa vivência** (geração, amor, saúde, ordem, prosperidade, harmonia e evolução). Apesar de nos fornecerem essa energia, são divindades e por isso nem sempre seremos capazes de compreender e absorver a sua força, nesse ponto atuam os Guias e sua lições diárias, sua constante atuação em nosso meio.

Todo Orixá traz consigo um Exu e é essa divindade que sustenta a última parte da trindade divina, pois é nesta atuação que encontramos o equilíbrio das forças espirituais e até materiais para que possamos ter um processo evolutivo pautado na Lei de Umbanda, ou seja, no equilíbrio entre ação e reação, causa e consequência.



ORIXAS MAIORES E MENORES

Para compreender a ideia de Orixás Maiores e Menores é preciso retornar a apostila: "A Umbanda e seus mistérios", na qual você encontrará o quadro explicativo das

Sete linhas de Umbanda e como os Orixás se dividem em sua composição. De qualquer forma, em resumo, os Orixás Maiores são aqueles que sustentam as Sete Linhas de Umbanda e as vibrações dos Orixás Menores, que atuam diretamente nessas linhas.



..... **ORIXÁS MAIORES**

OLORUM

IFÁ

IROKO

OXALÁ

EXU

..... **ORIXÁS MENORES**

IEMANJÁ

NANÃ

OXUM

IANSÃ

OMOLU

XANGÔ

OGUM

OBÁ

IBEJI

EWA

LOGUN

OXÓSSI

OXUMARÉ



ADEMIR BARBOSA JÚNIOR
ESCOLA INDEFINIDA

A Umbanda cultua e trabalha com Orixás. Não são “caboclos ou falangeiros” de Orixás, mas os próprios, que se manifestam de vários modos, inclusive mediunicamente por meio da incorporação.

[...]



A ação dos Orixás é universal. São forças da natureza e, ao mesmo tempo e em muitos graus e níveis, espíritos individualizados de alto grau e que nunca encarnaram. Vários povos os cultuam de maneiras diversas, com outros nomes, mas a semelhança, sem dúvida, salta aos olhos. [...]

Ainda segundo Júnior (2017) para a Umbanda, cada Orixá está relacionado com um ponto de força e com um elemento da natureza, o que faz deles agentes divinos e que possuem inteligência e individualidade.

Apesar de não ter encontrado uma definição de qual a escola umbandista Ademir Barbora Júnior é adepto, pelas obras por ele escritas e pelas imagens captadas de sua casa, é possível afirmar que este pende a linha da Umbanda Sagrada ou de alguma escola próxima a esta. Considerando as afirmações coletadas e transcritas acima, encontramos também nesse autor alguns pontos que fazem parte da estrutura religiosa da Casa de Mãe Iemanjá, por exemplo:

- **Acreditamos que os Orixás nunca encarnaram, que são forças da natureza, mas que podem se individualizar, ou seja, cada um de nós carrega uma partícula dessa divindade em nossa essência, sendo justamente essa partícula que nos torna únicos perante o mundo e a espiritualidade.**
- **Outro ponto interessante é que para o autor e para a nossa casa cultuamos e trabalhamos com os Orixás, não apenas com seus falangeiros ou caboclos. Entretanto, aqui cabe uma atenção, pois o autor Ademir Barbosa fala de incorporação e para a Casa de Mãe Iemanjá, no que tange aos Orixás, entramos num processo de transe.**



O TRANSE E A INCORPORAÇÃO

Um dos pontos de controvérsia entre as muitas casas e escolas de Umbanda é sobre a presença e a forma de culto ao Orixá dentro da religião. E se não bastasse o conflito interno, ainda é preciso enfrentar uma série de colocações, por vezes até preconceituosas, provenientes do candomblé sobre esse tema.

Sendo assim, é preciso esclarecer o primeiro ponto sobre essa questão: **somos uma religião de matriz africana e por isso usamos palavras como: padê, bori, ebó, yalorizá, egum, entre tantas outras**, mas isso não quer dizer que a liturgia usada em todas as religiões de matriz africana seja exatamente a mesma, ainda que usem por vezes, das mesmas palavras. Prova disso são termos como: quimbanda, engira, ebó, dentro muitos outros.

Em outras palavras, é claro que o ipadê realizado dentro da Casa de Mãe Iemanjá não terá o mesmo fundamento e nem a mesma energia do que aquele realizado por um terreiro de candomblé, afinal, nossas bases fundamentais para a prática

desse ritual são diferentes. Sendo assim, é compreensível que cada qual (Umbanda ou Candomblé) retrate Exu segundo a sua base de crenças.

O mesmo acontece com o culto ao Orixá dentro da Umbanda. **Por mais africanizada que uma casa umbandista possa ser, ela nunca será um terreiro de Candomblé** e por isso toda casa de Umbanda deve buscar seus fundamentos junto ao Guia/Entidade que coordena esse terreiro e não em outra tradição ou terreiro.

No que tange ao culto do Orixá, muitas das acusações divididas entre umbandistas e candomblecistas nascem na falta de entendimento. Cada vertente religiosa ou terreiro tem uma forma particular de cultuar ao Orixá e essa é uma realidade bastante antiga, vigente desde a diáspora africana, afinal, adaptações não faltaram nesse processo de sobrevivência da cultura africana. Mas e a Casa de Mãe Iemanjá? Como entende a manifestação dos Orixás na Umbanda?

Vamos começar pela ideia de que o Orixá é uma divindade, é uma força da natureza. Não existe mão ou segredo que pode impedir que ele manifeste, ou vice e versa. Sendo assim, na Casa de Mãe Iemanjá acreditamos que você nasceu com o seu Orixá, que ele é a força que te faz único, é parte da sua personalidade, significado da sua existência e que existe uma centelha dele adormecida dentro de você, cultivada no seu Ori desde o seu nascimento e que irradia sua força sobre todo o seu eledá.

Sendo assim, quando nos entregamos a uma religião, seja ela qual for, essa energia divina irá se manifestar de formas diferentes, porém **sempre associada ao nosso evolutivo espiritual**. Portanto, podemos afirmar que, se você frequentar um terreiro de Candomblé, será preciso todo o processo iniciático característico dessa religião para que você encontre uma forma de se religar a essa centelha divina que aqui





denominamos Orixá. Mas se você for um umbandista e na sua casa apenas os guias/entidades possa trabalhar, seu Orixá se manifestará doando sua energia para que tais espíritos tragam a esta força para a sua vivência espiritual.

Na Casa de Mãe Iemanjá temos o estado de transe, que nada mais é do que despertar a nossa essência, da centelha divina de nosso Orixá. Esse processo é espontâneo e ocorre de forma livre, não se tratando de uma incorporação, mas sim do acesso deliberado a uma parte do inconsciente no qual podemos encontrar a nossa ancestralidade religiosa.

Como já disse anteriormente, apesar da manifestação energética do Orixá provir da mesma matriz que trouxe essa força para o Candomblé, o africanismo, a visão de sua atuação na Umbanda é bastante diferenciada, já que é característico dos umbandistas buscar o evolutivo em sua fé e não apenas manter a tradição (opção que até hoje representa a força do candomblé).

Sendo assim, quando falamos em transe ou acesso ao inconsciente, hoje é possível abordar diversas teorias, mas cientificamente falando, confesso que me sinto mais confortável em apoiar minhas bases no biólogo inglês Rupert Sheldrake e sua teoria dos campos morfogenéticos. Resumidamente é um estudo focado em como os organismos adotam as suas formas e comportamentos característicos.

O que são campos morfogenéticos

Os campos morfogenéticos, ou campos mórficos, são campos de forma; campos padrões ou estruturas de ordem. Estes campos organizam não só os campos de organismos vivos, mas também de cristais e moléculas. Eles levam informações, não energia, e são utilizáveis através do espaço e do tempo, sem perda alguma de intensidade depois de terem sido criados.

Os campos morfogenéticos agem sobre a matéria impondo padrões restritivos em processos de energia cujos resultados são incertos ou probabilísticos.

Os Campos Mórficos funcionam modificando eventos probabilísticos. Quase toda a natureza é inerentemente caótica. Não é rigidamente determinada.

Um campo morfogenético não é uma estrutura inalterável, mas muda ao mesmo tempo em que muda o sistema com o qual está associado. (Instituto Tokoziner, 2023)

Acessamos ao sagrado, reverenciamos o conhecimento de nossos antepassados, permitimos que sua energia se manifeste através de nossa vivência atual e ainda que limitados pela presença do sobrenatural em todo esse processo, hoje, buscamos uma parcela de racionalidade nesse projeto, que justifica de forma mais atual esse religar-se a si e a “Deus” em uma única ação.



FLÁVIO PENTEADO ESCOLA INDEFINIDA

[...] Para os umbandistas, os Orixás não tiveram encarnação, pois são partes vivas de Deus. [...] Para manter esse equilíbrio, estas energias são regidas por forças universais e cósmicas, que acabam sendo associadas às forças da natureza que para melhor compreensão humana, chamados de Orixás. Esses seres divinos são responsáveis por manter o equilíbrio para que a força vital do Planeta flua com mais harmonia.

[...]

O culto aos Orixás foi trazido pelos escravos ao Brasil na época da colonização, porém na África, cada tribo ou nação cultuavam apenas um Orixá e lá não havia e ainda não há o Candomblé [...]

Para Penteado (2016) na Umbanda não há incorporação de Orixás e sua influência no orí (coroa) do filho de santo está dividida entre:

Orixá Ancestral: no nascimento absorve-se a energia de todos os Orixás, porém um casal (um masculino e um feminino) irá irradiar mais energia que os demais e assim ficará responsável pelo íntimo desse ser.

Orixá de Frente: responsável pelo racional e pelas principais características dessa encarnação, também conhecido como orixá de cabeça.

Orixá Juntó: responsável pelo emocional





O ORIXÁ E A ANCESTRALIDADE

Quando falamos da matriz africana que norteia as atividades praticadas na Casa de Mãe Iemanjá, não estamos falando de qualquer casa ou nação de candomblé, afinal essa é, e sempre será, uma religião tão brasileira quanto a Umbanda. Portanto, é importante compreender que **ao falarmos de Orixás e ancestralidade dentro da “Umbanda que tocamos lá em casa”, estamos nos reportando a um estudo social, étnico e cultural do povo afro**, que fatalmente, ao ser convergido para a Umbanda, sofre algum tipo de reinterpretação de acordo com as verdades e pensamentos que permeiam a cultura ocidental. Sendo assim, neste ponto do desenvolvimento mediúnico em que você se encontra, **reconhecer as verdadeiras raízes da Casa de Mãe Iemanjá é estar apto a enxergar a sua prática e aceitar que nossa casa tem fontes bem mais profundas do que as iniciadas no ano de 1500 com a diáspora africana**. Entenda que, todas as semelhanças encontradas entre os fundamentos hoje utilizados por este terreiro e as práticas oriundas dos terreiros de Candomblé se iniciam na mesma origem: a cultura africana, não podendo então, ser considerado plágio ou apropriação de outra fé, que não a afro-brasileira.

Quando surgiu em terras brasileiras, **a religiosidade dos escravos não se importava com nomes ou cores, seu objetivo era manter vivo neste território estranho as forças dos Orixás e o seu culto**. As chamadas doutrinas e fundamentos que compõe a tradição de todos os cultos de matriz africana é fruto da colaboração de diversas tribos, aqui representadas e reavivadas pelos escravos.

Para isso, foi preciso a união e reconhecimento de igualdades dentro das inúmeras diferenças que separavam o povo africano em grupos rivais. Portanto, é historicamente comprovado que **foi através da adaptação e reinterpretação que nasceu e se manteve a cultura afro-brasileira, surgindo em solo nacional, uma nova forma de cultuar e compreender aos Orixás**, transformando estes seres em mais do que ancestrais reais, em divindades capazes de sintetizar e imantar a energia do ser supremo Olorum.

Nesse processo que envolve o sincretismo, a escravidão, a cultura ocidental e até a capacidade de adaptação a novas crenças típicas desses povos, os Orixás abandonaram muitas de suas características e receberam outras definições que definirão sua posição religiosa dentro das religiões oriundas desse mix cultural.

Hoje, com tantos doutores do conhecimento Google e Tiktok, presenciamos **crianças na fé debatendo fundamentos copiados de trechos de alguma conversa que são incapazes de compreender sem o amadurecimento religioso que apenas os anos trazem** e, assim, aos poucos perdemos valores e tradições importantes para a autoafirmação ou a propensão em provar ao mundo que somos especiais. Esse tipo de comportamento hedonista, nos faz creditar valor apenas ao que agrega ao nosso pensamento, dispensando o aprendizado do processo evolutivo caracterís-

tico da religiosidade, principalmente da Umbanda. Sentir-se superior é um processo vicioso, no qual a busca pela razão já há muito abandonou a verdadeira fonte do conhecimento, tornando a opinião mais forte do que a vivência. Toda essa experiência enfraquece a crença e então, o que deveria ser um religar se torna arma para separar, pois **aquele que se firma em sua fé na depreciação da crença do outro, em verdade, não tem fé, apenas arrogância.**

Só podemos defender o que praticamos e conhecemos, mas com a consciência de que quando o tema é Umbanda nunca houve homogeneidade a ser defendida, portanto, que fique a premissa: **só podemos defender aquilo que vivemos, entretanto, se você precisar acusar o outro para defender o que é seu, nem mesmo você acredita naquilo que prega, pois a transformação e evolução é sempre interna.**

Agora que você se firmou no terreiro e na sua fé, que tal iniciar esse estudo **desmistificando a palavra Orixá e sua onipresença no culto de origem africana?**

Segundo os autores Odé Kileuy & Vera de Oxaguian (2012) a estrutura religiosa que hoje compõe o panteão dos orixás cultuados nas casas de Ketu iniciou-se com a grande proximidade entre as duas mega nações, **iorubá e fon.** Durante a diáspora africana, distantes de sua geografia e natureza, se tornou necessário uma nova visão sobre as divindades e as adaptações que tornariam possíveis os cultos aos Orixás em terras brasileiras.



Por sua importância em seu continente original, a África, houve uma facilidade de inclusão de divindades em ambas as nações, onde alguns voduns foram aceitos no panteão dos Orixás, e alguns Orixás foram aceitos no panteão Voduns. São exemplos voduns aceitos no panteão iorubá: Sakpatá (Omolu), Nã (Naná), Bessén (Oxumaré) e Iewa (Ewá). (BARROS, 2012)

Tal aceitação ocorreu de duas formas: **a primeira como um processo sincrético entre Vodum e Orixá e a segunda como uma das qualidades dos Orixás que já existiam dentro do panteão iorubano.**





Um exemplo disso é o Ogum Xoroquê que, segundo os autores Odé Kileuy & Vera de Oxaguian (2012), a nação iorubá recebeu e aceitou Sorroquê como divindade poderosa. Porém, devido ao seu caráter violento, guerreiro e irrequieto, algumas casas de candomblé desta nação passaram a cuidar dele e a tratá-lo como se fosse um tipo de Ogum. Observando suas características, notaram também uma forte ligação com Exu. O povo iorubá passou a chamá-lo de Ogum Xoroquê (Sòròkè). E uma das traduções, pelo dialeto iorubá, pode ser "o mago que grita na montanha", pois ele tem grande preferência pelas alturas, pelos montes (òkè).

Voltando a composição da Umbanda, é fato de que nossa religião tem uma matriz africana (mais ou menos evidente, de acordo com a escola praticada por cada terreiro), mas isso não quer dizer que essa matriz seja iorubana, pelo contrário, **estamos muito mais próximos as práticas do Daohme**, do qualquer outra. Então aqui nasce o conflito entre duas potências, ao menos no estado de São Paulo: a Umbanda e o Candomblé de Ketu.

Ao falarmos de Umbanda a raiz Banto está muito mais ligada aos nossos costumes e crenças dos que o Ketu, por exemplo, segundo Oliveira (2007) para os povos Bantos a religião é co-extensiva à vida, à experiência vivida intensamente e concretamente; não é baseada nas palavras, nos conceitos e noções, mas na experiência, que é transmitida de geração em geração, permitindo acompanhar o outro e ver com os mesmos olhos que o outro viu.

Ainda sobre as semelhanças e reconhecimento de nossas raízes dentro da cultura Banto, para esses povos, a religião adquire uma conotação de extensão do que é vivido pelo ser humano e, sendo transmitida culturalmente, promove o compartilhamento dessa experiência adquirida. **O povo Bantu tem uma concepção religiosa sistêmica, fundamentada na experiência e no conhecimento recebido por meio da ancestralidade.**

Essa forma sistêmica de conceber a religião leva à elaboração de algumas considerações sobre seus fundamentos, na busca de compreender os elementos que expressam forças e poderes que compõem a estruturação do mundo visível e invisível desses povos.

No mundo invisível, há Deus - fonte da vida e, consecutivamente, espíritos - gênios e os antepassados da comunidade. No mundo visível, estão as forças pessoais, chefes, especialistas de magia, anciãos, comunidade e a pessoa humana ao centro. Existem, ainda, as forças impessoais; animais, vegetais, mundo inorgânico, fenômenos naturais e astros. É por meio do intercâmbio entre esses elementos que se chega ao poder vital, o qual rege os mundos visível e invisível.

A partir desse estudo se torna claro que a cultura Banto tem o mesmo princípio de aceitação da Umbanda, tomando para si a sua tradição, mas também evoluindo com os seus adeptos e compreendendo que a verdadeira energia está no encontro dos dois mundos, o espiritual e o material.



Focando na Casa de Mãe Iemanjá, nosso principal orientador é o patrono da casa Baiano Martim Pescador, esse espírito, que atua na Umbanda, já relatou diversas vezes que em vida aprendeu muito sobre a prática de uma determinada nação africana, o Jeje. Sendo assim, para compreender os fundamentos praticados em nossa casa, também é preciso entender que: **o que é chamado de nação Jeje é, hoje reconhecido como o candomblé formado pelos povos fons vindos da região de Dahomé e pelos povos mahins. Os iorubás (que na África eram inimigos territoriais dos Jejes), também trazem em sua cultura um culto antigo, porém com um panteão próprio, diferente dos Jejes e essa mescla sincrética foi o principal evento que gerou fundamentos e tradições diferentes que acabam compondo a religiosidade da Casa de Mãe Iemanjá, afinal, só podemos dar o que temos e Martim Pescador nos ensina através de sua vivência e evolução”.**

Uma informação interessante, é que o Martim Pescador sempre disse que viveu em dois estados brasileiros, Bahia e São Luís do Maranhão. Sobre a chegada do povo Jeje no Brasil, é correto afirmar que os primeiros negros Jeje chegados ao Brasil entraram por São Luís do Maranhão e de São Luís desceram para Salvador, Bahia, e de lá para Cachoeira e São Félix.

Também ali há uma grande concentração de povos Jeje. Além de São Luís (Maranhão), Salvador e Cachoeira e São Félix (Bahia), o Amazonas e bem mais tarde o Rio de Janeiro, foram lugares aonde encontram-se evidências desta cultura.

A ideia de ser orientado pela espiritualidade, através de nossos mais velhos, também tem origem na cultura Bantu, segundo ela, os antepassados são fontes de ensinamentos e de orientações espiritual e social que asseguram a manutenção da vida, pois são familiares clânicos que desempenham a função protetora dos seus descendentes vivos. Na cosmovisão Bantu, experienciar o devocional com o outro, com o antepassado, propicia, por meio do compromisso, o encontro de sentido existencial. Visto que é pela forma tradicional de viver que emana a memória e se viabiliza respostas às perguntas relacionadas à cidadania, espiritualidade, sociabilidade e autoestima, elementos essenciais à promoção da vida saudável.

Traduzindo, **a Umbanda é uma religião de ação, uma religião que respeita a atualidade e a evolução, que irá crescer com seus adeptos, porém sem abandonar suas raízes, que se tornam seguras com os seus verdadeiros fundadores, os antepassados desta terra, os antepassados da nossa fé, os nossos mais velhos que compõe a espiritualidade responsável por essa religião.**

Voltando novamente a Casa de Mãe Iemanjá e sua visão sobre os Orixás podemos determinar as seguintes informações:

- **A classificação dos Orixás entre povos da terra, água, céu e fogo é de origem Jeje. Ela é comum ao culto dos Voduns, no qual, as divindades são divididas em família, uma ideia bem próxima ao conceito de Linhas de Um-**

banda e Linhas de Trabalho aplicados na Umbanda.

Sobre a cultura de Ketu, nossa casa comporta a diretriz que o culto dos orixás remonta de muitos séculos, talvez sendo um dos mais antigos cultos religiosos de toda história da humanidade. O objetivo principal deste culto é o equilíbrio entre o ser humano e a divindade aí chamada de Orixá. A religião de Orixá tem por base ensinamentos que são passados de geração a geração de forma oral. No caso do nosso terreiro, essa tradição oral fica por conta dos Guias/Entidades que nos passam seus ensinamentos, o que nos direciona, neste aspecto, a cultura Banto.

Os fundamentos e direcionamentos para uma vida equilibrada e socialmente harmônica partem dos nossos mais velhos, espíritos de antepassados que conduzem a linha de conhecimento que sustenta as principais bases dos rituais realizado dentro da Casa de Mãe Iemanjá.

Na cultura Yorubá os mitos são muito importantes no culto dos orixás, pois é através deles que encontramos explicações plausíveis para determinados ritos. Dentro da nossa casa eles são importantes como meio de conhecer as características dos Orixás, mas são entendidos como explicações racionais ou plausíveis, não são tratados como meio orientador para a compreensão dos fundamentos, deixando uma lacuna em muitos pontos que só podem ser justificados pela fé.

Os Voduns são divindades que atuam nas forças da natureza, assim como entendemos que seja a atuação dos Orixás na Umbanda.

Sobre a influência dos Orixás no Ori de seus filhos, entendemos que existem duas formas de influências distintas e que se completam:

Odus: São até 7 energias (Orixás) que regem nossa personalidade e vivência nesta encarnação.

Criados por orunmilá-ifá, os Odus são divindades ligadas aos Orixás, responsáveis pela predestinação dos homens nesta dimensão. De origem yorubá, a palavra significa destino. Os Odus têm como missão reger os caminhos dos homens, executando as funções da natureza e liberando energia para proteção.

Os Odus podem ser positivos ou negativos, garantindo o equilíbrio Universal. Vale lembrar que, nas religiões de origem africana, positivo e negativo não significam bem ou mal, mas sim duas forças do Universo que caminham em direções opostas.

Os Odus de nascimento atuam como um horóscopo, mas, diferente do zodíaco, são regidos e influenciados por divindades. Se estudados, podem ajudar no autoconhecimento e influenciar algumas decisões importantes.

O cálculo de Odu é uma conta matemática que revela a influência desses Orixás em nossa vida.

Coroa/Ori: Composto de 5 Orixás que podem ou não repetir parcialmente as divindades reveladas no cálculo de Odu. Esses Orixás só podem ser revelados através do oráculo, no caso da Casa de Mãe Iemanjá, o Irugin.

Em nosso terreiro o primeiro e o segundo Orixá, em grande maioria, se apresentam trazendo também o nome de sua qualidade e todo o seu enredo (quais as forças que caminham com essa divindade).

Entendemos que o primeiro e o segundo Orixá traduzem muito de nossa personalidade e necessidade. Tal energia é viva, por isso pode se alternar de acordo com a necessidade ou até a estabilidade do filho. Entretanto não é obrigatório que seja uma energia feminina e uma masculina, para que haja um equilíbrio entre as forças, o que também é uma diretriz mais voltada aos Voduns, já que o sexo das divindades é algo sem muita importância para seus adeptos.

Ainda sobre os Orixás, na Casa de Mãe Iemanjá entendemos que nascemos sobre a energia e cuidado dos Orixás que irão nos acompanhar e que essa energia é a ideal para os desafios da nossa encarnação, sendo assim, não é aconselhável a troca de coroa, ou seja, trocar o Orixá que reina sobre um determinado filho.





NOBERTO PEIXOTO UMBANDA ESOTÉRICA

Os orixás foram criados pelo Ser Supremo, Olorum ou Olodumaré, para ajudar a humanidade e minimizar-lhe os sofrimentos, ensinando o homem a ter bom caráter.

Etimologicamente, a palavra Orixá significa “a divindade que habita a cabeça” – Ori é cabeça, xá é rei. O termo orixá faz parte da cosmogonia nagô iorubana, uma das diversas etnias africanas trazidas para o Brasil. [...] No esoterismo de Umbanda, faz-se a associação de Orixá como uma corruptela de Purushá, significando “Luz do Senhor” ou “Mensageiro do Senhor” e tendo relação com a cabeça.

Os Orixás são aspectos vibracionais diferenciados da Divindade Maior – Deus. Assim o são porque cada um dos Orixás tem peculiaridades e correspondências próprias ao se rebaixarem e fazerem “materializados” na Terra: cor, som, mineral, planeta regente, elemento, signo zodiacal, essências, ervas, entre outras afinidades astro-magnéticas.

Todos nós temos, a cada encarnação, a influência mais intensa de um determinado Orixá, que podemos chamar de “pai de cabeça”. Essa força cósmica, que é referente de frente, é conhecida como Eledá, responsável por nossas características físicas e psicológicas, de modo que refletamos arquétipos ou as características comportamentais peculiares ao Orixá que nos rege.

Na Umbanda, os Orixás são energias criativas divinas de alta voltagem sideral, impossíveis de serem expressas e incorporadas pelo mediunismo de terreiro. Quem se manifesta pela mecânica de incorporação são os espíritos falangeiros dos Orixás, que trabalham agrupados por linha, que, por sua vez, estão agrupados pela irradiação de cada Orixá.

[...]

Todos nós somos influenciados pelas vibrações dos Orixás. Nosso Ori – cabeça – é o responsável pela consciência, pelos sentidos e pela expressão da inteligência, que estruturam os processos contínuos de construção dos pensamentos e cognição mais profunda, aquisição de conhecimento, incluindo estados mentais de reflexão, atenção, raciocínio, memória, juízo, imaginação, pensamento, discurso, percepção visual e audível, aprendizagem e, por fim, emoções.

[...] Cada Orixá se apresenta com diversas qualidades dentro das suas características peculiares. Assim é que, entre estas “qualidades”, encontramos, por exemplo, Oxalá como Oxaguian, um jovem guerreiro, valente e generoso, um andarilho, sincretizado no Jesus Humano.

Temos também Oxalufã, o velho, impotente e cansado, ligado à criação e curvado diante do “peso” do mundo, simbolicamente representando o Pai, que se fazia um com Jesus, perfazendo a unidade em Oxalá. Temos, ainda, o aspecto feminino de Oxalá, ligado a fecundidade e maternidade, à povoação da Terra, conhecido como Oduduá.

[...]

Os cultos ritualísticos que manifestam os Orixás se dão preponderantemente por um processo arquetípico anímico de transe, que flui do inconsciente do sensitivo, sem incorporação por uma entidade externa (acontece de dentro para fora). Os Orixás, de regra, não falam e se manifestam nas danças, e a partir do transe ritualístico se “humanizam”, expressando-se no corpo de quem os “recebe”. O gestual simbólico que realizam revive o mito antigo e harmoniza o ambiente e o inconsciente coletivo dos circunstantes, que se ligam reciprocamente por laços de afinidade espiritual, no mais das vezes fruto de encarnações passadas em clãs religiosos africanos, e aí rememoram a mitologia ancestral pelos movimentos, vestes, sons, cores e gestos das manifestações – estados alterados e superiores de consciência.

A quantidade de Orixás, a variedade do panteão referenciado e a ordem de sua atuação sobre a coroa (orí) do médium de Umbanda se alteram de acordo com o autor e sua linha de estudo. Para as escolas mais próximas é possível identificar pequenas diferenças que podem ocorrer por uma questão regional, mas quando se trata de escolas mais distantes em seus princípios, quase fica impossível identificar a mesma visão energética entre os autores.



RUBENS SARACENI **UMBANDA SAGRADA**

Se pesquisarem em livros sérios que abordam as antigas religiões naturistas, encontrarão os mesmos mistérios (Orixás), só que com outros nomes e outras “imagens humanas”, mas têm tudo em comum e até poderíamos, por analogia, criar uma tabela comparativa ou um sincretismo multirreligiosos, tal como os umbandistas fizeram porque o herdaram dos Candomblés, de então todo um sincretismo de sobrevivência religiosa.

[...]

Uma divindade é em si mesma manifestação de Deus por meio de uma de suas qualidades divinas. Logo, se adoramos Ogum, que é em si mesmo a qualidade ordenadora de Olorum, então estamos adorando o Orixá que rege sofre a ordem e é aplicador da lei maior em todos os aspectos da criação.



W.W. DA MATTA E SILVA UMBANDA ESOTÉRICA E INICIÁTICA

Quanto à palavra Orixá, queremos que fique bem claro ao leitor e umbandista, que identifica realmente o espírito que tem UMA CHEFIA. Assim admitiam também os próprios africanos que viveram no Brasil e têm dado margem às mais disparatadas opiniões, por desconhecerem o significado real da palavra, pois, para os africanos, o Orixá podia ser, também, um espírito superior (um guia) que invocavam com cânticos e palmas, até a sua “manifestação”, isto é, sua incorporação nos “médiuns” dos seus terreiros ou candomblés. Este Orixá era expoente de uma força da natureza, de uma divindade.

Os Orixás são forças sagradas que existem muito antes do advento da Umbanda ou do Candomblé. O culto a estas divindades não nasceu em terras brasileiras, mas sim, foi trazidos pelos negros durante a escravidão e adaptados segundo os costumes ocidentais, perdendo assim, grande parte das suas características originais e em paralelo agregando novos domínios perante seu poder.

Na África encantados, antigos reis que após a morte cuidavam de seu povo, que controlavam a vida e a natureza. Entretanto, no Brasil, tornam-se emanações divinas que podem interferir positiva e negativamente, na vida de seus adeptos.

Pelos avanços científicos atuais, racionalmente, não é mais plausível que uma forte chuva seja compreendida apenas como a ira de Iansã, ou uma luta no Orum. Mas, ainda que compreendamos os eventos naturais que causam tal tempestade, internamente ainda associamos esse evento com o poder que emana do Ser Supremo, trazendo a mística e o sagrado para quase tudo o que nos cerca.

Essa relação entre o sagrado e a natureza também é uma das bases fundamentadoras da Umbanda. **Aos poucos, com a presença dos negros, a Umbanda incorporou costumes que antes pertenciam apenas ao Candomblé e, dessa forma, iniciou-se um novo sincretismo. As imagens católicas e os nomes católicos começaram a ceder espaço para os Orixás.** Mas não nos enganemos! A Umbanda jamais renegou ou ignorou as suas raízes. De forma livre, independente e diversa ela agregou novos conceitos, tornando-se plural e mística da forma mais brasileira possível.

Cada qual a sua maneira, Umbanda e Candomblé são as irmãs da resistência africana. Se o candomblé foi a resistência do negro dentro das senzalas e através dele a África é reinventada constantemente em solo brasileiro. A Umbanda trouxe e expandiu essa cultura, quebrou a resistência racial e levou ao branco a oportunidade de entregar-se ao som dos atabaques e a sabedoria daqueles que fizeram do Brasil mais do que uma terra, um país produtivo.

E qual o elo que une essas irmãs? Os Orixás.

Falar em Orixá, seja na Umbanda, ou apenas como um conceito sócio-religioso é falar da África, sua etnia e cultura. A religião é a crença de um povo e o Orixá é a África refletida em mitos e fé. Sendo assim, é preciso aventurar-se além dos muros e ultrapassar o conceito “cristianista” como um ato de desbravamento e até de respeito a tudo o que cremos e procuramos entender.

Se como pesquisadores buscamos entender além dos gritos e saudações, além das danças e cores, precisamos ir a raiz, ao berço... e esse se chama África.



ODÉ KILEUY, E VERA DE OXAGUIÃN CANDOMBLÉ

Para o povo iorubá, o orixá é o “senhor da nossa cabeça”, força poderosa da natureza que nos dá suporte físico e espiritual. [...] O orixá pode ser denominado de oluwaré (senhor do mundo), porque ele é justamente isso para aquele que o possui – o “senhor do seu mundo, da sua vida”.

[...]

Base de toda a doutrina familiar e religiosa africana, os orixás são transcendentais ao homem e têm idade imemorial. Quando incorporados em seus filhos, tornam-se energia pura e palpável e retornam à Terra para juntos confraternizarem. Dançam com eles e para eles, comungam de suas alegrias e de seus infortúnios. [...] Esta comunicação com o Orixá é conseguida por meio de rituais, rezas, oráculos, oferendas, etc., quando nos tornamos um receptáculo de nossa divindade e conseguimos interagir com ela.

[...]

É comum dizer que “orixá não dorme”, porque, se isso ocorresse, não seria ele o “guardião de pessoas e da natureza”! Por terem poderes administrativos, devem prestar constas pela boa manutenção do meio ambiente, respondendo ainda pelos grandes fenômenos da natureza, como os ventos, maremotos, vulcões, chuvas, neve, etc. Tem também entre suas atribuições zelas pelos poderes da vida, da saúde, da doença e da morte.

[...]

Olorum também deixou que cada Orixá escolhesse seus descendentes na Terra, para que eles os vigiassem e cuidassem [...] Olorum forneceu, ainda, vários elementos que então complementavam ou modificavam a personalidade e a índole do homem.

[...]

Os orixás continuamente se ajustam e se moldam às mudanças que ocorrem no mundo e no ser humano. É isto que permite que surja sempre um novo ciclo de vida.



BABALORIXÁ CACCIOLI DE AYRÁ INDEFINIDO

Ao contrário do que muitos acreditam, o orixá não muda. Se você nasceu sob a energia de determinado orixá, ela será a mesma até o dia de sua morte.

[...]

No ritual de iniciação, o babalorixá ou a lalorixá evoca o orixá do Orum.[...] que deixará uma parte dele mesmo no iaô que está sendo iniciado. Esse axé é puro, uma folha em branco, um pedaço do próprio orixá dentro de um ser humano. Esse axé crescerá e se fortalecerá com o tempo e com os rituais. É desse axé que o iniciado se incorpora. A responsabilidade do babalorixá ou da lalorixá é zelar, cuidar e orientar esse axé para agir de acordo com a tradição ancestral de nossa religião.

O iniciado manifesta esse axé e não o próprio orixá, pois se fosse o contrário, o iniciado incorporaria e seu orixá saberia falar iorubá, dançar e conheceria toda a sua história. [...]

Por fim, para concluir essa etapa do nosso estudo, sem fé não há Orixá, sem Orixá não há caminho, sem caminho não há evolução e sem evolução não há Umbanda.





CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Dentro das práticas realizadas na Casa de Iemanjá, compreende-se a mitologia iorubana como uma base, ainda que incompleta, para o estudo dos Orixás e suas emanções dentro da Umbanda. Ao se aprofundar nas lendas e seus significados, bem como os signos religiosos nela representados, também se nota que existe uma série de desencontros de informações, mas que em nada alteram a base cognitiva da oralidade através das lendas e, portanto, não devemos ressignificar os itans, mas sim, buscar compreendê-los de forma mais ampla e conforme sua sociedade e tempo.

Justamente por considerar a matriz africana como diretriz de sua crença e por compreender que o tempo da repressão já não pode mais dominar nossa fé, a Casa de Mãe Iemanjá não pratica o sincretismo e nem mesmo o conceito de bem e mal estabelecido ocidentalmente. Sendo assim, nossa prática está alicerçada a um conceito moral baseado no bom caráter, ideologia essa na qual o bem e o mal são relativos e as ações baseadas em moral e ética são que denominam o valor do ato praticado.

Como na maior parte das escolas de Umbanda, dentro da prática realizada na Casa de Mãe Iemanjá também se entende que os Orixás são emanções provenientes de uma energia criadora e superior a tudo que por ela foi criado. Essa energia, que pode ser denominada: Olorum, Olodumaré ou Zambi (entre outros títulos), não é um Orixá, como os demais mas sim um ser supremo e, portanto, está presente em tudo o que criou, sendo parte desta energia a centelha divina que une e organiza tudo e todos no universo.

Ainda sobre os Orixás e suas histórias, é importante compreender que segundo as lições aprendidas na Casa de Mãe Iemanjá, as qualidades de cada Orixá são absorvidas como parte fundamental para o bom caminhar dos filhos e sendo assim, são apresentadas através do conhecimento e estudo dos arquétipos de cada filho e do jogo Irugbin (quando necessário), um oráculo baseado em sementes e aberto pelo guia chefe da casa, o baiano Martim Pescador. Importante lembrar que a prática do Irugbin é relativa apenas a casa, não sendo comum a outros terreiros.

A influência dos Orixás na vida de todos os seres se dá através de um enredo e para compreender esse enredo é preciso realizar o cálculo de Odú. Esse “mapa ancestral dos Orixás” estabelecerá a influência de cada um dos 5 Orixás que podem ser identificados através desse cálculo + 1 Orixá de Nascimento + 1º e 2º Orixás de Ori (coroa), podendo em algum momento tais divindades assumirem mais de uma área da vida do adepto. Porém, sobre esse tema será apresentado um texto mais elaborado em outro momento.

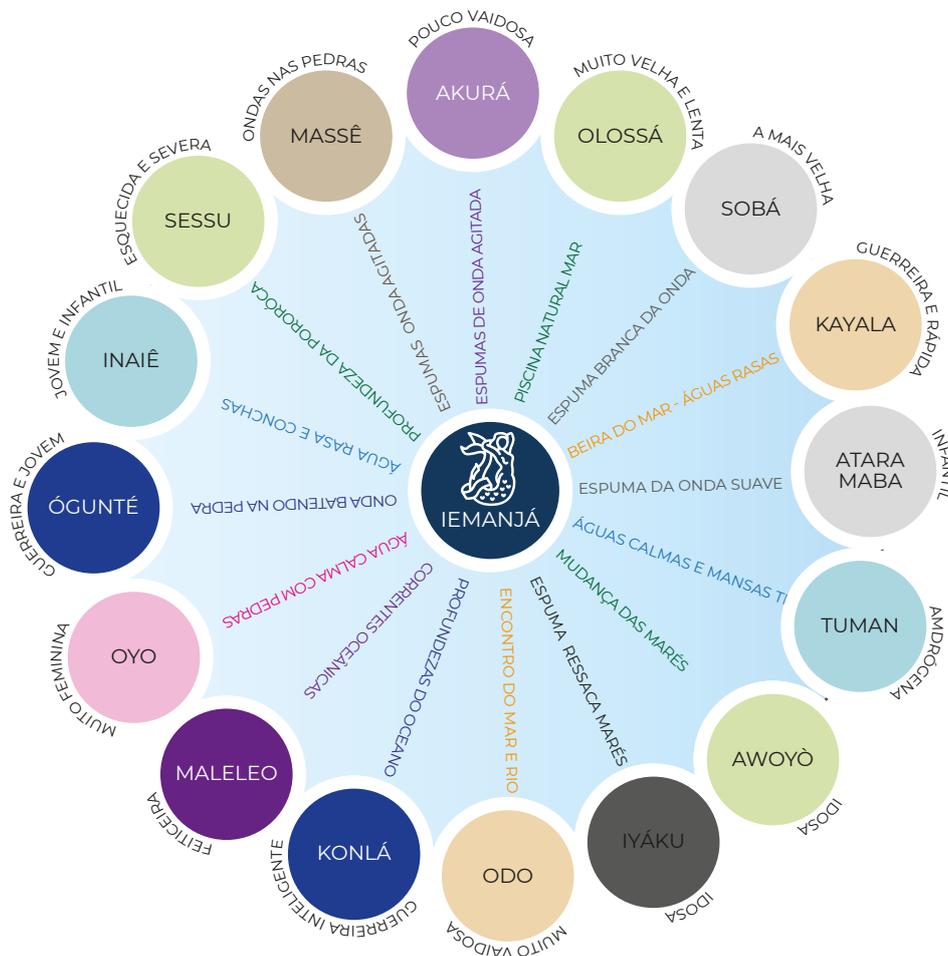
A relação entre o Orixá e as forças da natureza é de importante compreensão, pois é através dela que se consegue estabelecer os pontos de força, ou seja, locais com energias que podem auxiliar na limpeza ou condensação de um determinado campo vibratório.

Orixá é vida e, portanto, está em constante movimento e evolução.

O verdadeiro conhecimento dos cultos a esses ancestrais está no passado e na herança trazida pelas divindades e por seus representantes (quantos guias trazem as verdadeiras mandingas para o terreiro?), mas o futuro é feito de adaptações e quanto a isso não há questionamentos.

O passado se extinguiu, assim como a terra já não é mais africana ou vermelha e a pele muitas vezes não é negra. Mas o axé, o Orixá ainda sobrevive na herança sanguínea e no sagrado que emana do ar, terra, fogo e água. Essa força se transforma junto ao homem e carrega o axé para dentro dele.

Considerando que a Casa de Mãe Iemanjá se utiliza das qualidades de Orixás para suas práticas, tais influências também se refletirão nos pontos de força dos Orixás junto a natureza, multiplicando-se e ampliando-se conforme as qualidades de cada divindade e seus campos de domínio e atuação.



Sendo assim, ao entender que lemanjá é um orixá de água salgada e de cura emocional, fica fácil compreender seu domínio sob os mares, já que se trata de uma água com iodo e que comprovadamente alinha as cargas positivas e negativas do corpo. Mas então cada canto de mar seria dominado por uma qualidade dessa lemanjá.

Também é importante compreender que diferente das entidades e guias espirituais que trabalham conosco na Umbanda, **os Orixás atuam através do transe, ou seja, a manifestação destas divindades ocorre de dentro da fora, é o momento em que nosso animismo é acionado e se liga a nossa ancestralidade, buscando em nossas raízes, na memória de nosso DNA** a parte de nossa energia que é constantemente carregada pelo Orixá que rege a nossa coroa e ao colocar as paramentas e roupas esse estado alterado de energia se fortalece, permitindo que o nosso consciente adormeça e ceda lugar para a manifestação do sagrado individual e coletivo através de nossos corpos.

Se até pouco tempo tudo isso parecia místico e sem explicação, fazendo da fé o único mecanismo para aceitar tal fenômeno, hoje os avanços da terapia alternativa podem auxiliar para nos elucidar numa linha de pensamento mais racional e que nos permita enxergar a existência humana com maior profundidade. Falo de um processo terapêutico chamado Constelação Familiar.

A Constelação Sistêmica Familiar foi desenvolvida por um padre alemão chamado Bert Hellinger, depois de ter realizado um trabalho durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os zulus na África do Sul.

Segundo o do site Direito Familiar (2021) a formação de Bert Hellinger e sua atividade terapêutica envolveram diversas abordagens: psicanálise, dinâmica de grupo, terapia primal, análise do script, hipnoterapia. E por fim, o padre acabou se interessando pela Gestalt-Terapia, pela Análise Transacional e finalmente a Terapia Familiar. E foi a união desses estudos que formaram o que hoje é conhecido como Constelação Sistêmica Familiar.



Adota uma abordagem fenomenológica sistêmica: reunir as múltiplas observações sobre o comportamento de diversas pessoas, buscando similaridades e categorias comuns para formar conceitos. Bert não se atém às interpretações, mas às soluções. Por isso, ele pula os porquês, dando ênfase apenas ao modo como o caso se elucidou, preservando o fato de que cada pessoa é única e singular. Assim, investigando aquilo que se apresenta na prática, observou que padrões de comportamento se repetem nos sistemas familiares ao longo de gerações. Nesses estudos, ele chegou a 3 princípios que entremeiam nossas relações: Pertencimento, Ordem e Equilíbrio.

Pertencimento

Todos os membros de um sistema possuem o direito de pertencer. E esta ligação não é algo que possa ser concedido ou negado. Elas pertencem ao grupo independente de suas ações. Este vínculo transcende a moral e o merecimento. Ao menos duas consequências desse princípio são marcantes:

Exclusão: Se esquecemos, ou preferimos esquecer, aquele tio alcoólico, ou aquela avó internada num hospício, ou um parente criminoso, estamos “excluindo” aquela pessoa do sistema. Os vínculos familiares e sistêmicos atuam nos membros atuais, provocando uma compensação. Por exemplo, alguém poderá ter uma tendência – meio inexplicada, inconsciente – para beber uns traguinhos a mais.

Consciência: Como na torcida. A gente faz piadinhas maldosas sobre outros times, ficando tudo bem, pois estamos defendendo o time do coração e nossa consciência permanece “leve”. Não vamos elogiar uma ótima jogada do adversário, não é o nosso sistema. Ficaríamos com a consciência “pesada”.

Ordem

Esse princípio se refere à hierarquia. Quem faz parte do sistema há mais tempo tem precedência sobre os que chegam depois. Nos primórdios, isso aumentava a probabilidade de sobrevivência do grupo, já que os mais antigos eram mais experientes e, portanto, mais fortes. Isso define a necessidade de respeito aos que vieram antes (pais, avós, bisavós, ascendência), chamados, por Bert, de “grandes”. Os que vieram depois (filhos, netos, descendência) são ditos “pequenos”.

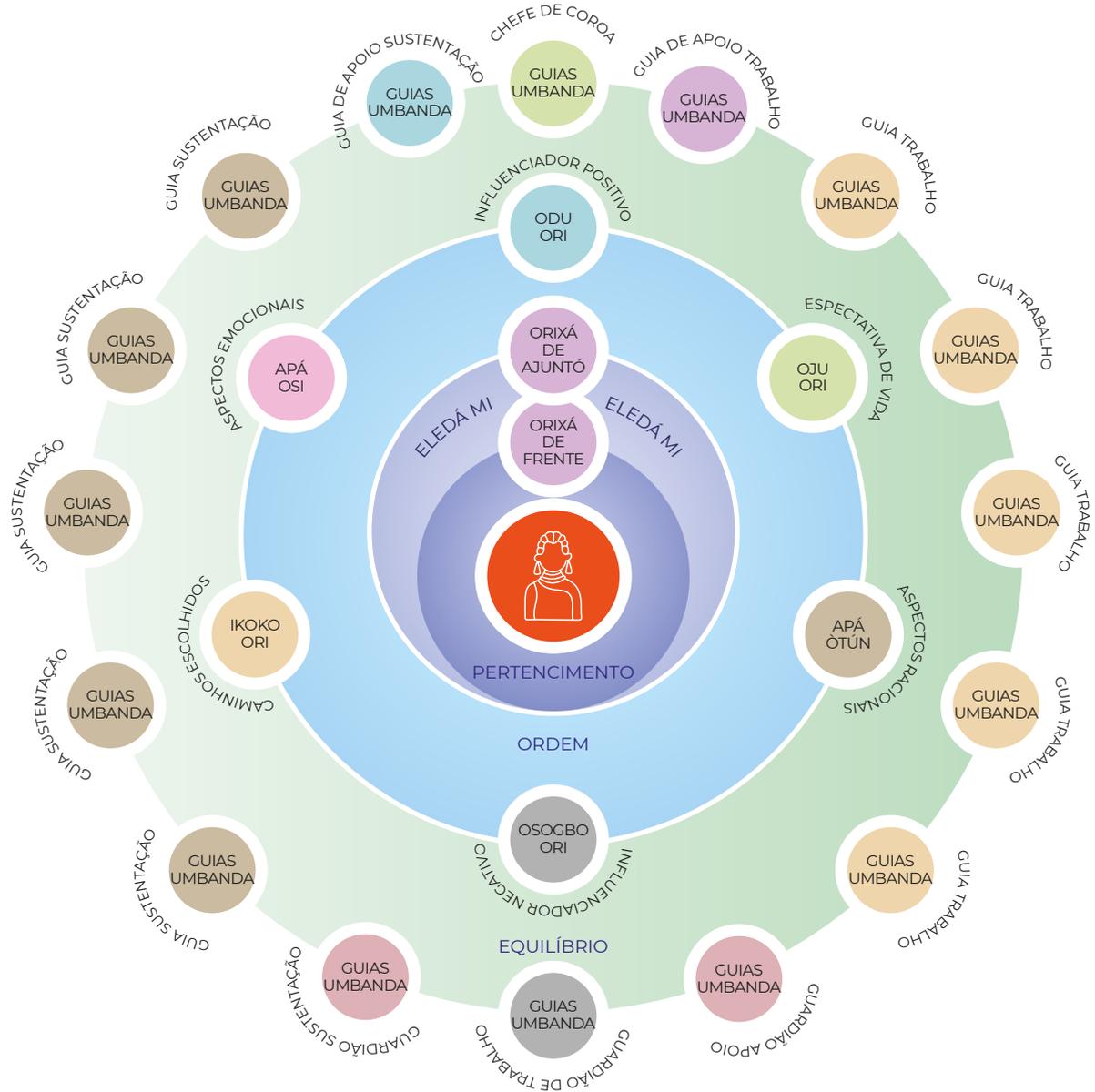
Equilíbrio

Nos relacionamentos amorosos e nas amizades, todos chegaram juntos. Não existe precedência. Surge o princípio do equilíbrio. Sabe quando a gente ganha um bolo da vizinha? Não dá para devolver a fôrma vazia. Sentimos a necessidade de retribuir a ação. Há até uma frase que anda muito em voga: “Gentileza gera gentileza”.

Essas trocas atuam como uma ligação entre as pessoas. Aquele que recebeu algo passa a sentir necessidade de dar novamente – mesmo que em outra moeda – e assim as trocas continuam. Isso vale também para trocas negativas, como as famosas vendettas italianas, em que uma família prejudica a outra e essa se vinga.

A consciência desse equilíbrio permite avaliarmos nossos relacionamentos, por exemplo, os de casal, e atuarmos para ampliar os vínculos positivos e reduzir os negativos. (VITUDE, 2021)

Relacionando tal estudo com o princípio de acessar a “divindade existente em nós”, pois somos filhos da ancestralidade e por direito sanguíneo trazemos em nossa essência os Orixás que cultuamos na Umbanda, podemos apresentar o gráfico como uma ilustração de tais ações em nossas vidas físicas e espirituais.



Olhando para o quadro cuidadosamente é possível identificar algumas informações primordiais para a compreensão da espiritualidade, mediunidade e associação ao sistema de Constelação Sistêmica Familiar:



Somos a nossa ancestralidade: por isso trazemos, ainda que de forma inconsciente as mesmas características de nossa família. O mesmo ocorre com os Orixás e Guias. As divindades que farão parte de nossa vida são escolhidas e se tornam parte de uma herança genética, sanguínea, na qual todos somos direcionados por esses elos e eles se apresentam em nossas vidas através de diversas ações diárias, do emocional e dos caminhos do destino.



Somos parte da nossa divindade e nossa divindade vive em nós.

Os Orixás do nosso Eledá Mi são os mais próximos de nós. São nossos pais pelo pertencimento (seja pela dor ou pelo amor). Assim como repetimos os comportamentos da nossa infância e juventude na vida adulta, repetiremos os comportamentos dos Orixás que compõem o Eledá Mi.



Somos a sociedade e as pessoas ao nosso redor: nossa educação e conhecimentos só podem ser expandidos se tivermos estímulos, se houver por parte dos mais velhos, a tratativa para que possamos nos expandir quando seres humanos.

O mesmo ocorre com os Orixás que compõem o nosso Odu. Se nosso Eledá Mi é parte de nós e somos parte deles e nossas ações estão altamente comprometidas com esses dois Orixás (na grande maioria das vezes), eles influenciarão na ordem de nossa vida, assim como essa ordem influenciará nas vibrações desse Eledá Mi.

Ou seja, somos o que vivemos e vivemos pelo prisma do que somos.

Por fim, para equilibrar e tornar toda essa estrutura compreensível e até acessível existem os Mentores, Guias, Guardiões e Entidades. Ou seja, espíritos que viveram (por isso compreendem nossas dores e vitórias), evoluíram através de suas ações e do reconhecimento dessas ações e hoje trabalham vibrando sob o direcionamento dessas divindades, atuando conforme o pertencimento e a ordem da espiritualidade de cada indivíduo.

Esses espíritos, após o desencarne, compreenderam suas ações e por tirar a culpa,

suas ansiedades e medos de sua existência conseguem uma ligação mais harmônica e clara com as divindades que nos cercam e por isso assumem a posição de equilíbrio. Ao mesmo tempo que se equilibraram, são o próprio equilíbrio entre nós e nossa espiritualidade, também equilibram nossas vidas através de suas ações.

Sendo assim, podemos concluir que tudo dentro da espiritualidade está ligado através da harmonia e se manifesta com equilíbrio. Se algo sair desse padrão e porque são precisos ajustes e todos eles nascem do autoconhecimento.



APRENDENDO COM AS PALAVRAS DO PATRONO DA CASA MARTIM PESCADOR

SABE MINHA MENINA, VOCÊS ESTÃO NESSA TERRA PARA APRENDER OS VERDADEIROS VALORES QUE CONDUZEM A EVOLUÇÃO DO SER. VOCÊS LUTAM POR UMA VIDA FARTA, MAS TUDO O QUE É MATERIAL PODE SER UMA GRANDE ARMADILHA. E VOU TE CONTA UMA COISA: TER DEMAIS TAMBÉM NOS TIRA DO EQUILÍBRIO.

OS HOMENS COM O CORAÇÃO REPLETO DE GANÂNCIA, ACHAM QUE SÃO MAIS FORTES DO QUE O UNIVERSO E QUANDO CONQUISTAM O PODER, LOGO SE ESQUECEM DAS FORÇAS QUE EQUILIBRAM SEUS PASSOS ATÉ A VITÓRIA. ENTÃO MENINA, ENTENDA QUE A SUA FÉ NÃO É TESTADA PELA DOR, PORQUE EM NOSSA FRAQUEZA SABEMOS DEMONSTRAR UMA HUMILDADE, QUE NA VERDADE É CHEIA DE RAZÃO.

A HUMILDADE MENINA, NÃO PRECISA TER POUCO OU MUITO PARA EXISTIR, ELA NÃO PODE SER VISTA, NÃO ESTÁ NA ROUPA, OU NA CASA DE NINGUÉM. JÁ VI GENTE RICA SER HUMILDE E GENTE POBRE QUE NUNCA CONHECEU A ESSÊNCIA DA EMPATIA. POR ISSO MENINA, NA MAIOR PARTE DAS VEZES, A FÉ É TESTADA NA ABUNDÂNCIA. SABE POR QUE? PORQUE QUANDO TEMOS O BASTANTE PARA NÃO TEMER PERDER A COMPAIXÃO DE NINGUÉM, DEIXAMOS QUE NOSSAS MÁSCARAS CAIAM E ENTÃO SOMOS APENAS A NOSSA ESSÊNCIA.

FILHA, PENSE BEM, QUANDO NADA TEMOS A PERDER NOS TORNAMOS ESCRAVOS DA DOR E LUTAMOS CONTRA AS CORRENTES QUE NOS LIGAM A NOSSA PRÓPRIA ESCURIDÃO. MAS, AO NOS LEVANTARMOS, LOGO QUEREMOS VOAR LONGE, CONFUNDIMOS LIBERDADE COM FALTA DE RESPONSABILIDADE E FACILMENTE NOS ESQUECEMOS DE NOSSAS RAÍZES.

SABE MINHA MENINA, SOMOS ÁRVORES E NÃO AVES, PRECISAMOS DE RAÍZES PROFUNDAS, PRESAS A TERRA, PARA NOS FORTALECERMOS. E AO VOARMOS, REPETIMOS TUDO NOVAMENTE, POIS NOS ENFRAQUECEMOS, NOS DESEQUILIBRAMOS E PARAMOS NOVAMENTE DE CRESCER POR TERMOS NOS DISTANCIADO DAQUILO QUE ALIMENTA NOSSA ESSÊNCIA.

ÀS VEZES, O UNIVERSO TENTA EQUILIBRAR A BALANÇA, NOS AJUDAR MESMO QUANDO NOS ENCONTRAMOS EM DESEQUILÍBRIO. MAS FILHA, NÃO CONSEGUIMOS ENTENDER OS PROPÓSITOS DO SOBRENATURAL E LOGO NOS LEVANTAMOS CONTRA OS COSMOS DIZENDO QUE

SOMOS INJUSTIÇADOS, QUE NÃO TEMOS DIREITO UMA VITÓRIA SEQUER. E BAIANO PERGUNTA, VITÓRIA PARA QUEM? ESTAR FELIZ NEM SEMPRE É O MESMO DO QUE SER VITORIOSO EM SEU CAMINHO EVOLUTIVO.

VOU TE AVISAR MINHA MENINA, ESSES EGUNS QUE CHEGAM AQUI E CHORAM, QUE GRITAM E ATÉ COSPEM PARA O ALTO, SE REVOLTAM NA MORTE PORQUE SE ENGARAM E SE JULGARAM VITORIOSOS NA VIDA. IH MENINA, VI MUITO HOMEM FELIZ E QUE NO SEU DESENCARNE ERA O ESPÍRITO MAIS SOFREDOR DA GALUNGA. E MILHA FILHA, ACREDITE, SOFRER NO CORPO É MENOS DOLORIDO O QUE SOFRER EM ESPÍRITO.

A VOZ DAS PESSOAS AO NOSSO REDOR MUITAS VEZES CALA A NOSSA CONSCIÊNCIA, MAS QUANDO NOS DESPEDIMOS DA CARNE, TAMBÉM NOS DESLIGAMOS DAS MÁSCARAS E VEMOS VERDADES QUE NEM IMAGINAMOS EXISTIR.

O MESMO ACONTECEU COM OS MUITOS NEGROS QUE VIERAM PARA ESSA TERRA. PRIMEIRO OS HOMENS PODEROSOS VENDERAM OS SEUS SEMELHANTES, CEGOS PELA SUA ARROGÂNCIA NÃO PERCEBERAM QUE QUEM COMPRA UM NAGÔ, UM DIA PODERÁ COMPRAR UM IORUBÁ. PORQUE ENTRE BRANCO E NEGROS NÃO TINHA RESPEITO ENTRE ELES NÃO FILHA, O QUE TINHA NAQUELE ACORDO ERA O ENCONTRO DE IGUAIS.

SIM MINHA FILHA, DEBAIXO DA PELE BRANCA OU NEGA, OS CORAÇÕES DESTES HOMENS ESTAVAM APODRECIDOS.

AS VOLTAS DO UNIVERSO SÃO PERFEITAS FILHA, SE UM DIA AQUELES QUE VINHAM DE OUTRAS TERRAS ERAM JEJE E FORAM MOTIVO DO RISO E VERGONHA, TODOS QUANDO CHEGARAM ESSA TERRA ERAM MAIS DO QUE JEJES, ERAM ESCRAVOS. OS SENHORES SE TORNARAM SERVOS E OS SERVOS FORAM LIBERTOS DE UMA CORRENTE PARA SEREM AMARRADOS A OUTRA. PORÉM, NA HORA DE SAUDAR AOS ORIXÁS, A VERDADEIRA CORRENTE SE FORMAVA PARA DEFENDER A FÉ, ERA FEITA DE MÃOS E BRAÇOS ENTRELAÇADOS. FILHA FOI NESSA TERRA QUE APRENDEMOS QUE NÃO SOMOS PARTE DE UMA TRIBO, SOMOS TODOS IRMÃOS.

BAIANO APRENDEU MUITO COM O POVO DO JEJE. ALÉM DA FÉ E DOS VODUNS, BAIANO APRENDEU QUE QUANDO TE ROUBAM DA SUA VIDA, DO QUE VOCÊ CONHECE, VOCÊ APRENDE A SE PROCURAR EM PEQUENAS COISAS, SÓ PARA NÃO SE PERDER DE VEZ.

DE COISINHA EM COISINHA ACABA POR MISTURAR TUDO E FORMAR UMA COISA BEM MAIS BONITA E VERDADEIRA DO QUE QUANDO VOCÊ SE ESCONDIA DAS DIFERENÇAS. POR ISSO, HOJE EU TRABALHO NA UMBANDA, NÃO QUERO MAIS SER MARTIM DO JEJE OU O NEGRO DO QUILOMBO, QUERO SER O BAIANO MARTIM PESCADOR, O PAI DE FILHOS TÃO DIFERENTES E QUE JUNTOS SÃO A PERFEIÇÃO DA CRIAÇÃO.



A ENERGIA QUE REGE A CASA DE MAE IEMANJÁ

Como patrono da Casa de Mãe Iemanjá, quem rege as práticas exercidas nessa casa é o baiano Martim Pescador e conforme a história relatada acima é correto afirmar que esse espírito, quando em vida, atuou dentro da nação de Jeje, mais exatamente como membro e babalorixá de uma casa de nação Jeje Mahin.

Foi um pedido desse baiano que todas as paredes do terreiro fossem cobertas por esteiras, sem maiores explicações, porém, através de pesquisa descobriu-se que:



Quanto à classificação dos Voduns Jeje, por exemplo, no Jeje Mahin tem-se a classificação do povo da terra, ou os voduns Caviunos, que seriam os voduns Azanssu, Nanã e Bessém. Temos, também, o vodun chamado Ayzain que vem da nata da terra. Este é um vodun que nasce em cima da terra. É o vodun protetor da Azan, onde Azan quer dizer "esteira", em Jeje. Achamos em outro dialeto Jeje, o dialeto Gans-Crus, também o termo Zenin ou Azeni ou Zani e ainda o Zoklé. (SAPOLIFESTYLE, 2021)

Sendo assim, apesar do uso de nomes dos Orixás (já característicos da Umbanda) e não haver rituais completamente fundamentado no Jeje, afinal, somos uma casa de Umbanda. Reconhece-se que parte da energia, por esse espírito movimentada, Martim Pescador traz a sua tradição religiosa na cultura Fon e Jeje, transformando o terreiro numa prática única.



NAÇÕES AFRICANAS E SUAS DIVINDADES



Iorubás

Os iorubás, ou nagôs constituem um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental, com mais de 30 milhões de pessoas em toda a região. Historicamente, habitavam o Reino de Queto (atual Benim) e o Império de Oió, na África Ocidental. Do século XVIII e até 1815, foram escravizados e trazidos em massa para o Brasil durante o chamado "Ciclo da Costa da Mina", ou "Ciclo de Benin e Daomé". Eram nagôs os escravos vendidos na antiga Costa dos Escravos.

Centralização Populacional

A população iorubana se concentrou na Bahia, Norte e Nordeste



Divindades

Orixás



Nação Efon

É parte das nações iorubás e originalmente seu povo localizava-se na região de Ijexá e Nigéria. É a nação dos feitiços e Oxum é sua protetora.
Divindade: Orixás
Culto: Candomblé



Jeje

O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons provenientes da região de Dahomé e pelos povos mahins. Os Orixás são chamados de Voduns, e a Deusa maior é o Mawu (a Lua). Segundo conta os mais antigos, Mawu encontrava-se com seu amado Lissa (Sol) durante o eclipse, o que deu origem aos 14 Voduns. No Maranhão o Candomblé Jeje ficou conhecido como Tambor de Mina.
Divindade: Voduns
Culto: Tambor de Mina



Daomeanos e Iorubanos viviam em guerra e num primeiro momento, os dois reinos venderam seus escravos durante o primeiro período da diáspora africana.

Daomé que era um reino mais forte enviou um grande contingente de escravos iorubanos que foram levados para a Bahia e Maranhão.

Centralização Populacional

A população daomeana se concentrou no Rio de Janeiro e Minas Gerais.



Nação Fon

Daomé, o Haiti e o Maranhão, tornaram-se "terras" dos voduns. A nação fon ficou conhecida no Brasil como Jeje e com a grande proximidade entre as duas meganações, iorubá e fon, houve uma facilidade de inclusão de divindades em ambas.
Divindade: Voduns
Culto: Candomblé de Angola



Daomé

Formada por seus diferentes reinos: reinos de Allada, de Abomé, de Porto Novo, de Ketou, Tchabê, de Nikki, de Djougou, etc. O desenvolvimento comercial dessas entidades políticas ficou muito bem estruturado em razão do comércio de palmeira e dendê a partir do século XVIII. Jejes, daomeanos ou evés são um povo africano que habita o Togo, Gana, Benim antigo Daomé) e regiões vizinhas, representado, no contingente de escravos trazidos para o Brasil, pelos povos denominados fons, minas, fantes e axantes. O apogeu desse tráfico foi durante o século XVIII, durante até 1815, no chamado "Ciclo da Costa da Mina" ou "Ciclo de Benim e Daomé"

Divindades

Voduns e Inquices



Nação Bantu

O nome Bantu se refere a um grupo de tribos diferentes. No Brasil foram nomeados de angola ou congo. Sua religião era estruturada a partir de uma pirâmide vital, dividida entre o mundo invisível e o mundo visível. Também existe um Ser Supremo criador e o culto os ancestrais e ancestrés. A noção de força vital (mooyó) é um valor supremo e viver não era simplesmente existir, mas sim interagir com a comunidade.
Divindade: Inquices
Culto: Calundus





Bibliografia

- ASSUNÇÃO, L. (org.).** Da minha folha: múltiplos olhares sobre as Religiões Afro-brasileiras: 1ª ed. São Paulo. Editora Arché, 2012.
- ALVES, R. PH.** Chacras na Umbanda: manifestação mediúnica aos orixás. 1ª ed. São Paulo: Madras, 2019.
- AYRA, B. C. de.** Introdução ao candomblé. 1ª ed. São Paulo: Hércules, 2019.
- BARROS, M.** O candomblé bem explicado: nações bantu, iorubá e fon. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- BARCELLOS, M. C.** Os orixás e a personalidade humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- BROWN, D.** Uma História da Umbanda no Rio: Umbanda e Política: 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.
- JAGUN, M. de.** Ori: a cabeça como divindade: história, cultura, filosofia e religiosidade africana. 1º ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.
- JUNIOR, A. B.** Livro de ouro dos orixás, 1ª ed. São Paulo: Anúbis, 2017.
- LIGÉRIO, Z.** Iniciação a Umbanda, 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2013.
- MARTINS, G.** Umbanda de almas e angola: ritos, magia e africanidade. 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2011.
- MOURA, C. E. M. de.** Culto aos Orixás: voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras: 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2011.
- NEGRÃO, L.** Entre a Cruz e a Encruzilhada: 1ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- OMOLUBÁ.** Almas e orixás na Umbanda: tudo que um filho de fé precisa saber sobre e sua religião. 2ª ed. São Paulo: Cristális Editora e Livraria, 2002.
- OXÓSSI, D. de.** Odus de nascimento: desvende a sua personalidade com o mapa dos Orixás. 1ª ed. São Paulo: Arole Cultural, 2020.
- PEIXOTO, N.** Iniciando na Umbanda: a psicologia dos orixás e dos cristais. 2ª Ed. Porto Alegre: Legião Publicações, 2017.
- PEIXOTO, N.** Os orixás e ps ciclps da vida. 3ª Ed. Porto Alegre: Legião Publicações, 2017.
- PENTEADO, F.** Povo de Aruanda: manual de orixás e guias espirituais. 1ª ed. São Paulo: Nova Senda, 2016.
- SARACENI, R.** Orixás: teogonia de Umbanda. 4ª ed. São Paulo: Madras, 2012.
- SARACENI, R.** Umbanda Sagrada: religião, ciência, magia e mistérios. 8ª ed. São Paulo: Madras, 2019.
- SILVA, V. G. da.** Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira: 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- SILVA, W. W. da M.** Umbanda de todos nós: a lei revelada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- Vittude.** Constelação Sistêmica Familiar. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/constelacao-sistemica-familiar/>. Acesso em: 31 jan 2021.
- Juntos no Candomblé .** Caminhos do Orixá Iemanjá. Disponível em: <https://www.juntosnocandomble.com.br/2010/01/qualidades-caminhos-do-orixa-yemanja.html#:~:text=Qualidades%20ou%20Caminhos%20do%20Orix%C3%A1,oceano%20tem%20afinidade%20com%20Nan%C3%A3..> Acesso 31 jan 2021.
- Aminoapps.** Caminhos de Iemanjá. Disponível em: https://aminoapps.com/c/candomble-ensino-e-pesquisa/page/blog/caminhos-de-yemanja/8BdJ_DMISmunljDPDBQdoMKgXDzGbvY6rNv. Acesso em: 31 jna 2021
- Giras de Umbanda.** Iemanjá Nkisi Mikaia. Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/214/ie-manja-nkisi-mikaia.html>. Acesso em: 31 jan 2021.
- O Candomblé.** Orixás. Disponível em: <https://ocandomble.com/>. Acesso em: 21 jan 2021
- Journals.** Religiões do Brasil 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7785>. Acesso em: 31 jan 2021
- Iquilibrium.** O Grupo Daomeanos: Nação Jeje. Disponível em: https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/nacoes-do-candomble/#O_Grupo_Daomeanos_Nacao_Jeje. Acesso em: 31 jan 2021
- Lifestyle.** Cultos a natureza: as três nações de candomblé. Disponível em: <https://lifestyle.sapo.pt/astral/praticas/cultos-a-natureza/artigos/as-tres-nacoes-de-candomble>. Acesso em: 31 jan 2021
- Geledes.** Candomblé batu e a importância dos afro saberes na educação. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/candomble-bantu-e-a-importancia-dos-afro-saberes-na-educacao/>. Acesso em: 31 jan 2021